



foto  
**COR**  
de Vitor Santos

**FOTOGRAFIA & VIDEO**

Aérea - Industrial - Publicitária - Reportagens

Estrada Nacional, nº 151, 2835 BAIXA DA BANHEIRA  
Tel. e Fax: 212 040 361 Telemóvel: 96 244 26 38

casaramalho

Campanha Páscoa

Libre

€24,90

12 de Abril

O Rio saúda  
**25 Abril**  
Dia da Liberdade

## Etar 13

Nova vida para o rio

## Balanco de 2008 e 20 perspectivas para 2009 do Governo Civil



Cine Memórias  
Fórum Cultural JM Figueiredo  
17 de Abril

Papelaria Livraria Tabacaria

Loja 1 Palheiro	Loja 2 Arroteias
Loja 3 Fonte da Prata	Loja 4 Rosário
Quiosque 5 Moita	

CyberBar

Escritórios: Tel.: 21 280 80 55 Fax: 21 280 80 56

A Arte no Concelho

## Entrevista ao pintor Luís Morgado



10 Baixa da Banheira 4

## Requalificação da Rua 1º de Maio

Inquérito à população

No Pinhal Novo 6

## Jornadas Cooperativas

Tema: "A crise não é de agora"

Inauguração da Exposição "Cine-Memórias" | 17 de Abril | 21:00h

Fórum Cultural José Manuel Figueiredo | Baixa da Banheira

Jorge Palma | 24 de Abril | 22:15h | Cais do Descarregador | Alhos Vedros

Desfile da Liberdade | 25 de Abril | 10:30h | Largo do Mercado | Moita

Festival "25 horas a Nadar" | 24 e 25 de Abril | Piscina Municipal | Alhos Vedros

25. Abril  
2009  
35 ANOS

MOITA  
Câmara Municipal

## Noticiário

**Acontecimentos****“25 de Abril, Um Cravo, Vivo de Esperança”**

A Junta de Freguesia do Vale da Amoreira, com o apoio de diversos parceiros, organiza várias actividades inseridas no programa das comemorações do 35º Aniversário do 25 de Abril a realizar na freguesia.

Destacamos a exposição “25 de Abril, Um Cravo, Vivo de Esperança”, na sede da Junta de Freguesia.

**“25 Horas a Nadar”**

A partir das 19:00h do dia 24 de Abril, até às 20:00h do dia 25 de Abril, a Piscina Municipal, em Alhos Vedros, vai receber a iniciativa “25 Horas a Nadar”.

**Jorge Palma em Alhos Vedros**

Jorge Palma protagonizará o espectáculo musical comemorativo do aniversário do 25 de Abril, no dia 24 de Abril, pelas 22:15h, no Cais do Descarregador, em Alhos Vedros. O espectáculo é gratuito.

**Desfile da Liberdade**

No dia 25 de Abril, as forças vivas do concelho da Moita, nomeadamente o movimento associativo, juntas de freguesia e população em geral saem à rua e desfilam na vila da Moita. O ponto de encontro do Desfile da Liberdade é às 10:30h, no Largo do Mercado, na Moita.

**“Passeio da Liberdade”**

No dia 26 de Abril, realiza-se o passeio pedestre “Passeio da Liberdade”, que decorre nas freguesias da Moita e Alhos Vedros, num percurso de aproximadamente 6 km, e tem como objectivo promover a actividade física de lazer. O passeio é aberto à participação de toda a população e a inscrição é feita no local de partida: a Marginal da Moita.

**“Ilustrar a palavra”**

Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/ADS está a promover até dia 22 de Maio o atelier “Ilustrar a palavra”. Esta acção formativa será desenvolvida no âmbito da exposição colectiva de artes visuais, em que participam os seguintes artistas: Ana Férias, Ana Lima Netto, Carlos Dutra, Cristina Troufa, Francisco Borba, Rita Melo, Rosa Nunes e Rute Borges.

**Passeios no Tejo**

“O Boa Viagem” retomou este mês os seus passeios pelo rio Tejo aos fins-de-semana. Para Abril está ainda agendado um passeio fluvial no 26 de Abril, das 16:00h às 18:30h.

Os bilhetes poderão ser adquiridos de segunda-feira a sábado, no Posto de Turismo Municipal, na Rua Dr. Miguel Bombarda nº 2 - A, 2860-461 Moita, das 9:00h às 12:30h e das 14:00h às 18:00h, durante a semana, e aos sábados, das 10:00h às 13:00h e das 15:00h às 18:00h.

**“Mostre-nos o seu Vestido de Noiva”**

De 22 a 24 de Maio realiza-se mais uma edição do “Noivas & Noivos – II Salão do Casamento e Eventos”. Tal como no ano anterior, o certame irá acolher a exposição “Mostre-nos o seu Vestido de Noiva”, que visa dar a conhecer a evolução da moda no vestido de noiva.

A Câmara Municipal da Moita convida-o a participar nesta exposição com o seu vestido ou de uma amiga e também aerogramas, revistas de moda dos anos 60 e 70.

## Comentário

**O RIO faz falta**

José de Brito Apolónia  
jornal@orio.pt

Aqui estamos a comemorar Abril. Na última edição de *O RIO* em suporte papel, dizíamos que a suspensão do jornal não significava, em definitivo, o seu fim e que poderíamos reaparecer, havendo condições, em ocasiões especiais, e esta é uma delas. Neste jornal é um dever comemorar Abril, o sentido genuíno da Revolução dos Cravos.

Embora *O RIO*. Pt esteja diariamente na Internet, a dar notícia do concelho da Moita e da região, muitos dos nossos leitores e assinantes nos foram dizendo, neste entretanto feito de ‘silêncios’, das saudades que *O RIO* em suporte de papel tinha deixado. É a eles que dedicamos este número especial do jornal.

*O RIO*, pela matriz independente e pluralista que sempre manteve, pelos seus conteúdos e pelos objectivos que defendia (e defende), é um jornal que faz falta (continua a fazer falta) ao concelho da Moita. Só não vê isto quem não quer, quem nunca quis ver. É pena, dizemos nós e diz muita gente, que se pretenda acabar com este projecto na nossa terra e no nosso concelho. Os amigos d’*O RIO* não se resignam com o seu desaparecimento.

A verdade é que *O RIO* não secou, continua a correr e a ser de todos. A importância e a pluralidade da comunicação social no concelho da Moita é demasiado importante para que nos conformemos a pequenos esteios e a órgãos únicos de comunicação, ou que nos acomodemos à ‘fonte’ municipal através do seu boletim oficial, que não assegura, como se sabe, a diversidade e a pluralidade de informação à população.

Por isto é que não desistimos, que não nos acomodaremos. Mesmo com as dificuldades e os cercos que nos sejam impostos, dispomos-nos a voltar, sempre que as condições objectivas no-lo permitam.

As pessoas e entidades que continuam a defender e a apoiar o projecto “*O RIO*”, patrocinadores, anunciantes, colaboradores e leitores, sabem que este jornal faz falta ao concelho da Moita. A todos eles, aqui deixamos os nossos agradecimentos sinceros pela força que nos continuam a dar. Bem hajam!

O aparecimento desta edição do jornal em suporte papel poderá ser uma surpresa para quem acreditava que *O RIO*, definitivamente já se tinha finado. Não finou. Porque não é fácil secar “rios”, este ou qualquer outro projecto que emane de ideais de liberdade, da procura da verdade e de causas justas, como, de forma sublime, nos ensinou António Aleixo:

Quem prende a água que corre,  
É por si próprio enganado.  
O ribeirinho não morre,  
Vai correr p’ra outro lado.

*O RIO* não morre, porque *O RIO* somos todos, os seus amigos!

**Figuras  
Conhecidas**

Manuel Dias  
“Manolete”

**Ficha Técnica**

**Director:** José de Brito Apolónia

**Conselho de Redacção:** Lourivaldo Martins Guerreiro, Vítor Pereira Mendes

**Colaboradores:** João Lopes Guerreiro Marmota, Adalberto Campos Carrilho

**Composição:** João Daniel Apolónia

**Redacção:** Rua António Sérgio, nº 80, 2º, 2835-062 BAIXA DA BANHEIRA

**Propriedade:** EDIÇÕES E PROMOÇÕES RIBEIRINHAS, Lda

**Inscrição nº 222389**  
**Sede:** Rua António Sérgio, nº 80, 2º BAIXA DA BANHEIRA  
**E-mail:** jornal@orio.pt  
**Sítio:** www.orio.pt  
**Telefone:** 210 815 756  
**Telemóvel:** 964 237 829  
**Pessoa Colectiva nº 504087711**

**Registo de Título:** 122390

**Impressão:** CORAZE – OLIVEIRA DE AZEMÉIS, Tel. 256 600 580, FAX: 256 600 589; E-mail: grafica@coraze.com

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores e poderão ou não reflectir a posição editorial de *O RIO*.

**GABINETE DE PRÓTESE DENTÁRIA**

**PRÓTESE:**  
Acrílica, Esquelética, Fixa  
**REPARAÇÕES NA HORA**

**CARLOS CORREIA**  
Telm.: 966 044 592  
Telf.: 21 280 16 91

Largo Capitão Mor  
n.º 2, 1.º Andar  
2860-408 MOITA  
(junto à igreja)

**www.orio.pt**

**ORIO.Pt na Internet.**  
As notícias diárias da região estão on line

**Vidreira**  
Moderna da Moita

FÁBRICA DE VIDRO E VIDRO DUPLO

ESPELHO - MOLDURAS - QUADROS  
VIDROS RECONSTRUÇÃO CIVIL DUPLOS E TEMPERADOS

Parque Industrial de Boage  
Armatos C  
Chão Duro - Moita

Tel: 21 289 71 46  
Fax: 21 289 71 47  
geral@vidreiramoita.pt

Lugar Largo Conde Ferreira, nº 4041  
2860 MOITA  
Tel: Fax: 21 289 06 48

Abordo do renovado “Évora”

## Alunos da Escola B 2/3 D. João I passeiam no Tejo

J. BA

Nos dias 23 e 24 de Março passados, cerca de 150 crianças no primeiro dia e 60 no segundo, todos alunos da Escola Básica 2/3 D. João I, da Baixa da Banheira, tiveram uma visita de estudo pelo Rio Tejo, a bordo do conhecido barco “Évora” que, em tempos idos, juntamente com o “Alentejo”, faziam a travessia fluvial Barreiro-Lisboa. A tarde estava primaveril e o passeio pelo Tejo agradou a todos.

Esta visita de estudo foi organizada pela Simarsul, empresa do Grupo Águas de Portugal, concessionária da gestão e exploração do Sistema Multimunicipal de Saneamento de Águas Residuais da Península de Setúbal, e pela Câmara Municipal da Moita, no âmbito do projecto de parceria local “Operação de Valorização Integrada da Zona Ribeirinha - da Caldeira da Moita à Praia do Rosário”. Uma bela jornada de sensibilização ambiental a celebrar o Dia Mundial da Água, com acções de sensibilização sobre o ciclo urbano da água e a importância da ETAR de Barreiro/Moita para a requalificação da Zona Ribeirinha da Moita.

Manuel Tavares da Silva, administrador da Turisbuilding, empresa proprietária do barco “Évora, fez o historial do “Évora”, construído em 1931, na Alemanha, tendo sido o primeiro barco em Portugal com motor a diesel, dos seus 50 anos ao serviço da CP, e da sua actual lotação de 240 pessoas. Deu ainda a conhecer os meios de salvacção existentes no barco e transmitiu aos alunos os conceitos de proa, popa, bombordo, estibordo e convés, usados na linguagem marítima.



A técnica de ambiente da Câmara Municipal da Moita, Mara Lopes, falou aos jovens visitantes da situação geográfica do concelho da Moita, integrado na Área Metropolitana de Lisboa e na Península de Setúbal; da frente ribeirinha do concelho, com cerca de 20 Km de extensão, que já foi fértil em salinas e sapais; nas seis freguesias do município e das principais características de cada uma delas; mostrou o ‘monte branco’ de fosfogesso onde está a ser construída a nova ETAR que vai receber e tratar os efluentes de águas

residuais dos concelhos do Barreiro e da Moita. E há muitos anos, os barcos no rio serviam para o transporte de pessoas, produtos e materiais da margem sul para Lisboa; hoje, as águas do Tejo são aproveitadas para o desporto e o lazer, nesta altura, a Câmara Municipal da Moita tem em curso a iniciativa “Páscoa Desportiva” que proporciona, de forma saudável, as férias escolares dos mais jovens.

Depois da Dr.ª Paula Resende, responsável do Gabinete Imagem e Comunicação da Simarsul, ter explicado o que é o

que faz esta empresa, Sofia Calado, engenheira da Simarsul, a propósito de se estar a comemorar o Dia Mundial da Água, explicou o ciclo da água, através da projecção de imagens, exemplificando a evaporação da água, a condensação, a precipitação e a infiltração nos terrenos. Depois, a captação da água nos rios, albufeiras ou furos; o tratamento da água proveniente da natureza em água potável, em Estações de Tratamento de Água; o seu armazenamento em reservatórios; a distribuição domiciliária da água

potável; o posterior tratamento da água utilizada em ETAR’s; e, finalmente, a sua devolução aos rios e ribeiras em condições ambientais seguras.

Esta jornada de sensibilização ambiental a bordo do Barco Évora, na celebração Dia Mundial da Água, foi uma boa iniciativa, como sintetizou a professora Luísa Valente: “Esta viagem no barco Évora foi muito importante porque os alunos assim aprendem e ficam a conhecer melhor o meio onde estão inseridos e a necessidade de preservar o meio ambiente, a qualidade da água e prevenir certas doenças através de práticas mais saudáveis”.

O que pensam os alunos desta visita de estudo fica bem exemplificado nesta pequena recolha de opiniões:

“Adorei este passeio porque gosto de andar de barco e ver o que se passa à volta” - *Soraia*.

**Bruno:** “Gosto de ver as fábricas ao longe e muita água e vejo que os peixes vivem melhor em água limpa”.

“Aprendi muitas coisas sobre a água e o tratamento da água, algumas coisas já sabia, mas outras ainda não” - *Carlos*.

“Se gostei deste passeio? Mais ou menos, gosto de olhar o mar e ver a terra ao longe. Aprendi que o ambiente é bom para a nossa vida” - *José Carlos*.

Como rescaldo desta visita de estudo no Tejo fica a jovialidade dos alunos, entre os 10 e os 13 anos, que com irreverência e muita alegria, brincaram, dançaram e gritaram, mas também aprenderam, ficando a conhecer melhor o meio em que vivem e os cuidados a ter com a água, o rio e o ambiente.

**ANAS** Jornais Revistas

**Quiosque**  
Agente Jogos Santa Casa

TOTOLOTO  
TOTOBOLA  
LOTARIAS

Rua 1.ª de Maio, nº 44A, 2835 BAIXA DA BANHEIRA  
Tel.: 212 051 447

**“O TREVO”**  
PASTELARIA

EXECUTAMOS BOLOS PARA:  
BAPTIZADOS  
ANIVERSÁRIOS  
E CASAMENTOS

LARGO TRABALHADOR RURAL, 8, MOITA

**institutooptico**

**Óptica Milheiro**

CONSULTAS:  
OFTALMOLOGIA - CONTACTOLOGIA - OFTALMOLOGIA

ESTRADA NACIONAL, Nº 55, 2835 BAIXA DA BANHEIRA  
TEL.: 212 040 917 FAX: 212 042 958



## Questionário

# A Requalificação da Rua 1º de Maio

Questionámos comerciantes da Rua 1º de Maio, na Baixa da Banheira, sobre o que achavam da requalificação da rua. Eis as respostas:



Dolcepiano Soares  
Papeleria ANA's

Gostava que a rua ficasse com muito movimento, isto é o principal. Creio que a solução proposta de fechar a rua ao trânsito é a que trará mais pessoas, no entanto, receio que as pessoas que, normalmente, se deslocam nos carros deixem de cá vir, assim como a rua sem carros pode ser pior para a segurança dos peões e dos comerciantes. Mas, repito, gostaria de experimentar a rua sem trânsito e embelezada.

Na parte que já está a ser feita, acho que está engraçado mas gostaria que tivesse alguns desenhos de calçada à portuguesa típica, além disso, terá de ser acompanhado de algum embelezamento com mobiliário urbano novo.

Esta remodelação pode ajudar à reanimação da Rua 1º de Maio, embora possa trazer os inconvenientes que já referi. Eu sou adepto das ruas sem trânsito, gosto de ver noutras localidades, também gostaria de ver à minha porta.



Graciete Coelho  
Graciete Coelho, Lda

Eu sou contra retirarem o trânsito da Rua 1º de Maio, porque, penso, destruiria o comércio, acho que a circulação de carros é imprescindível para esta zona. Por mim, prefiro a solução que deixa uma via para os carros, os peões ficariam na mesma beneficiados, com os passeios mais largos, à semelhança do que foi feito na Av. Alfredo da Silva, no Barreiro.

Por outro lado, acho que devem fazer melhoramentos nesta rua, com a zona pedonal maior, devem colocar árvores, bancos e candeeiros de iluminação pública modernos.

Para mim a segurança é muito importante, especialmente neste novo túnel sob o caminho-de-ferro, as pessoas comentam que vão ter medo de ali passar a certas horas.

Esta 1ª fase das obras de remodelação da rua, penso que ainda não está completa, precisava de uns desenhos na calçada, de novo mobiliário urbano e de uma boa iluminação. O aspecto geral da rua ficaria também melhorado se fossem pintados alguns edifícios que estão degradados.



Dália Martins  
Carpintaria Martins

Concordo, depois de falar com outras pessoas, que a Rua 1º de Maio ficasse fechada ao trânsito, que é uma das três soluções que a Câmara apresentou à população. Em princípio pensei que seria prejudicial ao comércio da zona, hoje acredito que não será, pois não será a supressão dos vinte estacionamentos que existem que farão a diferença. Sem trânsito, as pessoas movimentam-se mais, vão ter o seu espaço nas esplanadas, será mais agradável passear, apreciar as montras e frequentar o comércio da zona.

Tudo isto se a rua depois de arranjada ficar com qualidade. O espaço que está a ser tratado na 1ª Fase das obras está já muito bonito, detesto é aqueles "mamarrachos" que são os elevadores da passagem desnivelada, parecem dois caixotes e retiram beleza à rua. E achava que a calçada ao meio devia ter qualquer motivo desenhado, com pedra preta, para dar realce. O novo mobiliário urbano ainda embelezará mais a rua.

## Notícias da Baixa da Banheira

# A famigerada Passagem de Nível da Rua 13



Joaquim Gonçalves Soares

São aos milhares as pessoas que, felizmente, se deram conta, já, do lamentável abandono a que está votada a "tristemente célebre" Passagem de Nível da Rua 13, que resiste a todos os clamores de providências movi-

das por quem defende o que é razoável. Regozijamo-nos até pelo facto de que a instalação das "famosas" cancelas já mereceu as atenções dos diversos periódicos de maior expansão.

Pessoalmente, "sentimos" que ao escrevermos estas linhas, elas serão, provavelmente, mais uma tentativa vã, pois (e não temos razão?) também nós nos desiludimos de ver concretiza-

do este – que será – mais um dos grandes melhoramentos que ambicionamos. Porém, insistimos, pois no interesse geral, continuamos sem descortinar como é possível que ali, na que há-de ser das melhores artérias da Baixa da Banheira, não exista nem uma simples placa «PARE, ESCUTE E OLHE – ATENÇÃO AOS COMBOIOS», QUE SEMPRE TEMOS VISTO,

ATÉ NOS MAIS IGNORADOS LUGARES DO NOSSO País, nem cancelas, com ou sem guarda, nem um sinal sonoro (que para já resolvia o problema) ou luminoso (que de noite seria o ideal), mas nada, mesmo nada! Ali não está nada! Estão, isso sim, duas linhas de caminho-de-ferro, por onde passam dezenas de comboios diários que, na sua marcha indiferente, se dispõem

a ceifar a todo o momento a vida dos transeuntes menos avisados e até os mais prevenidos, a par da preocupação constante dos pais, cujos filhos frequentam a Escola Primária da Rua 23.

Ali apenas se vêem (será para descarga de consciência?) uma simples travessas irregulares que permitem um piso também irregular, mas diferente da ter-

(Continua na página 5)

# Centros Comerciais e Degradação Urbana

**O encerramento forçado do Comércio Tradicional não representa apenas o declínio de um modelo de negócio de comércio e o conseqüente desemprego. Tem um outro significado, quizá mais profundo e funesto: optámos e mudámos para um modelo de estilo de vida que assenta na desertificação das cidades e no esvaziamento social do cidadão.**



Vítor P. Mendes  
Antropólogo

Os centros comerciais destruíram as cidades tal como as conhecíamos. São responsáveis não só pela degradação urbana, pelo desinvestimento na qualidade das ruas, dos passeios, das habitações e estabelecimentos de comércio mas, principalmente pela degradação social. Se poucos usam as ruas – quando muito apenas o parque de estacionamento frente ao prédio – muitos dos decisores são levados a pensar que não há razão para “enterrar” dinheiro dos contribuintes numa coisa que os

próprios contribuintes estão a aprender a desusar. As pessoas estão a desaparecer das ruas e as crianças há muito que o fizeram, aliás estas já nem sequer sabem o que é “brincar na rua”. A degradação urbana não é só o edifício(s) em fim de vida e a ameaçar derrocada, a calçada solta ou a estrada por alcatroar. É que o “urbano” é caracterizado por um estilo de vida, que agora está a desaparecer, e até podemos perceber isso na terminologia que passámos a adoptar: deixámos de ser vizi-

nhos para sermos condóminos. Aquilo que expressava uma certa ideia de vivência conjunta, de comunidade e mesmo de entreatada e solidariedade (os vizinhos) é hoje expresso através de uma relação estranha, burocrática e desumanizante (os condóminos).

No âmbito do espaço físico, todas as comodidades de circulação automóvel e de peões podem ser encontradas na organização espacial do grande centro comercial, excêntrico à cidade. Tudo o que é caótico pas-

sou a residir dentro da cidade. A própria cultura, que antigamente estava no centro da cidade, nas colectividades e outras casas de espectáculos – de que são exemplo os antigos cinemas de Lisboa, que já encerraram – encontra-se hoje nos centros comerciais. No interior da cidade a vida esfumou-se e o medo impera. Numa rua deserta o sentimento é, naturalmente, de insegurança.

O grande comércio ao impor e instituir generalizadamente o “consumismo” como paradigma de vida social ideal, desequilibró os orçamentos e arruinou famílias e indivíduos. O “consumo” não produz apenas “produtos” mas, sobretudo, aquilo que surge ao indivíduo como irresistível: “necessidades”. Daqui que as pessoas compreem muito para além do que precisam. A pior “necessidade” que hoje endeusámos é a de que devemos

ser “ativos” a cada instante da vida, sem desperdiçar um segundo sequer, porque há riqueza “profissional” alia-se a outra, a financeira. Na verdade, o que acrescentamos ao saldo é pobreza social: vidas individuais em casa comum. O desajuste dos horários de trabalho não compensa todos os desencontros com o cônjuge e com os filhos.

O “edifício” urbano não pode ser desenhado apenas a partir do desenho das ruas, da configuração das casas ou do reordenamento do trânsito – se bem que também estes aspectos necessitem de ser pensados e debatidos -, mas devemos ter sempre bem presente que se não optarmos por salvar a cidade ela acabará por morrer e o cidadão, idem. É um amplo debate que merece ser feito e no qual o Comércio Tradicional deve marcar: Que ruas e que estilo de vida queremos para a Nossa Terra?

(Continuação da página 4)

ra, que seguindo para Sul se nos depara.

Valha-nos, pelo menos para já, o facto que gostosamente apontamos, de que o acesso Norte foi melhorado, deixando de criar sérios problemas aos automobilistas, pois a Câmara, e dado que ali os esgotos já estão concluídos, mandou calcetar aqueles poucos metros que distam da E.N. até às linhas.

Ocorre-nos que o último dos desastres graves ali verificados (e o número já vai para além de duas dezenas) se perpetrou simultaneamente com o também último e grave no Vale de Santarém, há cerca de 3 anos. Os jornais fizeram deslocar enviados especiais, movendo-se uma campanha nos órgãos informativos que teve como resultado a solução adequada, acabando o perigo que a re-

ferida passagem oferecia. (...)

Apelamos com o maior dos encarecimentos, para que a CP tome em devida conta a vida de muitas centenas de pessoas, sujeitas continuamente a contingências desastrosas e perigos

constantemente, fazendo instalar na Rua 13 uma conveniente protecção, que evite o suposto desinteresse até aqui...

Fonte: Jornal do Barreiro nº 700, de 23/04/1964, de que o articulista era correspondente à época.



## 35 Anos ... 35 Conquistas

A Câmara Municipal da Moita expõe nas faces de dois enormes cubos a obra feita em 35 anos de Poder Local Democrático, com destaque para:

- 1976 – Depósito Aéreo de Água de Alhos Vedros – Abastecimento Público.
- 1977 – Edição do 1º Boletim Municipal – Direito à Informação.
- 1978 – 1ª Semana Cultural e Desportiva – Cultura e Desporto.
- 1982 – Exposição do 1º PDM – Ordenamento do Território.
- 1997 – Biblioteca Benito de Jesus Carça – Equipa-

mentos Culturais.

• 2000 – Inauguração da Piscina de Alhos Vedros – Mais Equipamento Desportivo.

• 2003 – Laboratórios de Informática – “Acesso Gratuito às Novas Tecnologias”.

Esta exposição municipal integra-se nas acções comemorativas dos 35 Anos do 25 de Abril.



Manuel Gonçalves Martins

**Serração e Carpintaria**

Fazemos: cozinhas, roupeiros, móveis por medida, vendas a retalho

Rua 1º de Maio, 24, Baixa da Banheira  
Tel./Fax: 212 040 156

**CASA 3003**

Electrodomésticos

**BP Gás a escolha acertada**



Garantia de rapidez

Informe-se aqui

Estrada Nacional, 158, 2835 Baixa da Banheira  
Tel.: 212 040 937

**EXIJA O MELHOR PARA OS SEUS OLHOS**



**OCULISTA IDEAL DA MOITA, LDA.**

**LENTE DE CONTACTO TESTES DE VISÃO GRATUITOS**

Largo Conde Ferreira, nº 34 - MOITA  
Tel.: 212 808 724 fax: 212 808 725

No Pinhal Novo

# Jornadas Cooperativas “a

**“A crise não é de agora, as pessoas não estiveram sempre bem”. Foi a partir daqui que Fernando Parreira fez a análise a esta questão nas Jornadas que a Pluricoop realizou no dia 29 de Março, na SFUA, Pinhal Novo, em dia de aniversário da Coopinhal, hoje integrada na Pluricoop.**

J. BA

## A crise já vem de longe

A crise não é um problema de agora, é um problema histórico. Já durante a revolução industrial, com os capitalistas a dominarem os meios de produção e as propriedades, enquanto os operários sofriam grandes dificuldades que os obrigou a procurar soluções para a crise. Com este exemplo, o presidente da Pluricoop quis mostrar que a crise já vem de longe e que as alternativas à crise já se puseram há muito tempo, agora, não teríamos esta crise se tivéssemos encontrado soluções que, na altura do aparecimento daquela crise, surgiram.

O dirigente cooperativista explicou que a crise surge por uma relação laboral, económica e social entre os detentores dos meios de produção das fábricas com os trabalhadores. Fez ver que há organizações que têm outro sentido, não são organizações de capitais, são organizações de pessoas, para serem geridas por pessoas, para servirem os interesses das pessoas, isto é, o lucro não é o fundamental, o fundamental são os serviços que se prestam às pessoas. Esta é a diferença, a diferença dos interesses das multinacionais dos grandes capitalistas, com o objectivo do lucro, e a constituição de associações como as cooperativas, que são organizações que defendem os interesses das pessoas.

De facto, a crise e as soluções para a crise já vêm de longe. Em 1844, em Inglaterra, formou-se a primeira Cooperativa e esta tinha esses objectivos, tinha uma natureza diferente, era uma organização de pessoas para servir as pessoas. Em 1895 formou-se a Aliança Cooperativa Internacional (ACI), organização que representa o Movimento Cooperativo Mundial. Estas organizações cooperativas são orientadas por valores e por princípios. Tem si-

do na base destes valores e princípios que a Pluricoop tem tido uma evolução que é notória.

## A maior cooperativa de consumo do país

Estamos aqui numas jornadas da Pluricoop –disse Parreira –, a maior cooperativa de consumo do país, que se desenvolve de acordo com o plano estratégico que definido, face à política de desenvolvimento e às transformações que o mundo teve, particularmente no quadro da Europa, não é possível nenhuma entidade estar sozinha. Por isso, a Pluricoop desenvolveu um plano estratégico, com vista a trabalhar em grupo, através de uma política de integração e desenvolvimento. Foi assim que conseguiu, com a compreensão das direcções das cooperativas que decidiram entrar no processo de integração, alcançar este objectivo de enorme importância.

A Pluricoop tem, hoje, 36 lojas, está ligada a 27 localidades, com influência em quatro distritos (Setúbal, Lisboa, Santarém e Leiria). É um processo que se tem desenvolvido através de fusões e integração económica. Tem uma influência económica forte e uma influência social particularmente rica, com cerca de 70.000 associados. Na prestação de serviços aos cooperadores e nas parcerias e relações que tem com os municípios no desenvolvimento das actividades sócio-culturais e na defesa dos consumidores é uma instituição prestigiada e com influência social e política na região.

Na sua acção, a Cooperativa tem duas componentes que são determinantes, uma componente económica e outra associativa. Em relação à componente operacional é uma cooperativa-empresa, Um exemplo de cooperativa-empresa é a própria COOPINHAL, com actividades



económicas e associativas. Se desenvolvesse só a actividade económica era uma empresa e se desenvolvesse só a actividade associativa era uma colectividade. Por isso, a Cooperativa não é uma empresa nem uma colectividade, é um misto de empresa-associação, razão para que em paralelo a Cooperativa tenha, em simultâneo, estas duas actividades.

Do ponto de vista associativo, é uma associação de pessoas para servir pessoas, são os sócios que fazem a gestão da Cooperativa, são as pessoas que gerem os seus próprios interesses. Esta é a grande diferença que a diferencia das grandes superfícies comerciais que por aí abundam. Se houver esta compreensão ideológica, se desenvolvermos as cooperativas, se participarmos nas compras e nas decisões das cooperativas, estamos a ser intervenientes na resolução da crise que hoje se vive.

Do ponto de vista empresarial, a Cooperativa não pode estar bem quando o país e a economia estão mal. “Temos de perceber as origens e as causas de tal situação e estarmos do lado contrário daqueles que são os causadores das dificuldades”, insistiu Parreira. Uma forma de agir assim é desenvolvermos o projecto cooperativo. Ainda recentemente foram abertas três lojas: no Zambujal (Sesimbra), em cooperação com uma cooperativa de habitação; em Alverca,

também em cooperação com uma cooperativa de habitação; no Póceirão, em relação aberta com a Câmara Municipal de Palmela, a Junta de Freguesia e a Associação de Agricultores do Póceirão.

Em relação ao futuro, a Cooperativa tem que continuar a desenvolver-se, com a perspectiva de ir para além do espaço onde já está. Tem de modernizar as lojas que necessitam de remodelação, é o caso da loja de Palmela e a loja 12 do Pinhal Novo, já programadas.

## Forma organizativa capaz de responder aos problemas

A Pluricoop está ligada à FENACOOOP, que a representa do ponto de vista institucional, nos contratos com o Governo e outras entidades, em relação ao projecto político e social que a orienta. Há também a COOP-LISBOA, uma União de cooperativas, que é a central de compras, que compra para todos e distribui, faz projectos, faz contabilidade e tudo o que tem a ver com a actividade económica do movimento cooperativo. A COOPLISBOA tem vindo a relacionar-se com algumas centrais para obter melhores compras e melhores resultados, hoje é fornecida por uma das maiores centrais ibéricas, com evidentes benefícios para todos os cooperadores. Portanto, “podemos afirmar que, sob o ponto de vista

estratégico, tivemos o engenho e a capacidade de encontrar uma forma organizativa capaz de responder aos problemas que se colocam a cada uma das cooperativas associadas”, salienta o presidente da Pluricoop.

Fernando Parreira prossegue: “Como já dissemos, a nossa actividade não é só empresarial é também social e com orgulho dizemos que 80% dos trabalhadores da Pluricoop têm trabalho efectivo, com todos os direitos e sem receio de serem despedidos. Quando nas fábricas ouvimos todos os dias o despedimento de milhares de pessoas e a deslocalização de empresas para outros lados, é para nós motivo de satisfação termos os nossos quadros de pessoal cidadãos portadores de deficiência a trabalhar nas nossas lojas, que são integrados e tratados com dignidade por todos, trabalhadores e dirigentes. Isto é uma afirmação de grandeza e de grande significado social e político de grande importância”.

## Contributo do Movimento Cooperativo para um mundo melhor

“Em relação ao futuro e às perspectivas, neste momento de crise que estamos a viver, abrem-se mais perspectivas para o movimento cooperativo”, diz convicto o presidente da Pluricoop. “Os causadores das dificuldades

# crise não é de agora...

e da crise que hoje temos são aqueles que nos dizem todos os dias na televisão “compre 3 e leve 5”, “consume o que quiser”, “o banco empresta sem problemas”, é esta política e essa gente que nos tem vindo a transmitir esta linha orientadora como solução para a humanidade, hoje é a causadora da crise. Há famílias endividadas, há pessoas que não têm emprego, há pessoas com filhos formados e que não conseguem o primeiro emprego, há pessoas que não usufruem de Segurança Social, há muita gente que não pode ter uma vida normal e digna. Foi essa política e os seus mentores os causadores da crise. Em nossa opinião, estamos numa fase histórica da vida, em que cada cidadão, cada pessoa, nomeadamente as pessoas organizadas no movimento cooperativo, tem que ter uma atitude de verticalidade e de força. Não nos podemos deixar enganar por aquilo que nos dizem todos os dias, de que o Modelo ou o Pingo Doce vendem tudo mais barato, o que é falso. A gente não tem condições para ir à televisão, por razões políticas e pelo custo, mas fazemos sempre um exame à nossa actividade e temos um preço justo, estamos ligados aos nossos agricultores, desenvolvemos as nossas regiões, pagamos os salários aos nossos trabalhadores, fazemos investimentos para desenvolver a sociedade e as pessoas. Portanto, reforçarmos a Cooperativa é a melhor forma de conseguirmos amanhã ter uma melhor vida. Sabemos que a crise existe, há desemprego, há dificuldades, mas também sabemos que há o movimento cooperativo que, pelos seus princípios e valores, tem condições para contribuir para

virmos a ter um mundo melhor”, concluiu.

## A importância das cooperativas

O orador convidado, Dr. Manuel Canaveira Campos, ex-presidente da INSCOOP, iniciou a sua intervenção, dizendo que, neste momento de crise, é bom sabermos quais são as instituições a que nos podemos agarrar, e indicou as cooperativas como instituições que subsistem e manifestam força para o futuro.

Sobre a crise, fez notar que ‘a crise não é de agora’, mas é agora que a sentimos mais fortemente, que mexe com a vida de todos nós e está a transformar o mundo. Esta crise vem de longe e “todos nós a alimentámos, todos nós somos culpados desta crise, porque acreditámos em determinados processos de desenvolvimento, acreditámos que o mundo poderia ser feito de uma maneira egoísta, aceitando que quem mais tem mais manda. Afinal, aquilo em que acreditávamos tinha pouca razão para merecer a nossa crença”.

“Eu não venho aqui defender ideologias, venho apenas chamar a atenção que vivemos numa sociedade em que precisamos de verificar como é que o mundo se pode desenvolver com correcção, justiça, igualdade e liberdade para todos”, tornou claro.

“Esta é a crise que nós temos e devemos ter consciência de ‘porque é que isto se passa?’, o que é que se pode fazer de diferente?” Foi neste sentido que se atreveu a falar da proposta do cooperativismo, lembrando que as cooperativas apareceram há 150 anos numa altura de crise, e que essa crise deu a oportu-

nidade de aparecer algo de novo que foi a proposta cooperativa. “Os que sentiram que o mundo estava a andar por maus caminhos resolveram juntar-se para fazerem as coisas de outra maneira e organizaram-se em cooperativas. Nós hoje estamos também numa situação em que é importante descobirmos de novo a força da cooperação, em vez de permitirmos que os mesmos se sirvam das pessoas para se enriquecerem”, venceu “O cooperativismo é a melhor forma de trabalhar e de servir as pessoas”. O valor da pessoa, a sua dignidade, é o grande valor das cooperativas; a democracia é outro dos seus valores; tal como a participação, o trabalho em conjunto, em inter-ajuda, o ser cooperador. É preciso também lançar projectos, valorizar os recursos e responder às necessidades, empreendendo cooperativamente.

## Dar visibilidade ao sector

Canaveira Campos caracterizou a proposta cooperativa como de economia de vanguarda e de futuro. É preciso dar visibilidade a este sector, ligando-o aos outros, ao que está à sua volta. Dizer aos outros o que somos, o que fazemos e onde estamos. “Tem havido pouco *marketing* que é a economia social, pouca publicidade do que é o cooperativismo. Por outro lado, deve ser dado a conhecer que este é um projecto comum, com muita gente envolvida, incluindo os agricultores da região. A riqueza gerada é partilhada por todos. O cooperativismo pratica a economia da equidade, em que cada um recebe na medida em que participa”, reconhece.

Finalmente, o orador admitiu

que a acção cívica e cognitiva desta economia cooperativa e social poderá levá-la longe se soubermos envolver nela os conhecimentos de cada um, à medida de cada um de nós. “Se soubermos ouvir-nos e darmos as mãos, talvez ainda iremos a tempo de não nos envergonharmos do mundo que deixarmos aos nossos descendentes”, concluiu.

## Em Palmela, o poder autárquico está em convergência com o cooperativismo

Para a representante da Câmara Municipal de Palmela, Adília Candeias, este debate é uma mais valia para quem está a assistir esta Jornada da Pluricoop e tal como se diz no tema do debate “A crise não é de agora”, efectivamente, a crise vem de trás e tem culpados, ao contrário

do que sugere a televisão que parece que ninguém tem culpa desta crise, tão difícil e que tantos problemas traz às pessoas.

“A crise é fruto das políticas neoliberais e de direita que têm governado o mundo e o nosso país”, prosseguiu. As principais vítimas desta crise somos todos nós e em particular os trabalhadores e os desempregados. As leis e em particular o código de trabalho que ainda tornam mais difícil a vida dos trabalhadores e fazem de nós ‘o elo mais fraco’.

Adília Candeias recordou que o 25 de Abril trouxe-nos a esperança de transformação da sociedade proveniente do regime anterior, opressor e fascista, surgiram as cooperativas agrícolas e outras, que, com uma forma colectiva de trabalho, criaram enormes expectativas para se alcançar uma sociedade mais justa e melhor. “Se a política que se seguiu tivesse sido diferente nós hoje poderíamos estar bem melhor”, venceu.

“No concelho de Palmela, o poder autárquico está em convergência com o cooperativismo, na perspectiva da transformação da sociedade para melhor”, declarou a autarca. Também para nós, o cooperativismo pode oferecer alternativas para se ultrapassar esta crise. O exemplo da Pluricoop é significativo, não entra na especulação financeira, promove o trabalho com direitos, avança com investimentos, e abre novas lojas, apostando numa sociedade mais justa.

A vereadora deu ainda a informação de que a pretensão da Pluricoop em alargar os seus armazéns na Salgueirinha, está bem encaminhada e prestes a ser viabilizada.



Fernando Parreira

**ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS. LDA**

VIDA NOVA

O SEU CONDOMÍNIO EM BOAS MÃOS

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

TRATAMOS DO CRÉDITO PESSOAL E AQUISIÇÃO DE IMÓVEIS

Edifício do Mercado Municipal, 20, 2860-414 Moita  
Tel.: 212 893 277 Fax: 212 800 067 Tlm.: 966 353 222 ou 966 375 913  
E-mail: vidanova\_condominios@hotmail.com

**CAFÉ PAMPILHO**

O PAMPILHO CAFE SNACK-BAR

Temos sempre um petisco para si

Onde o café tem mais sabor

Rua General Humberto Delgado - Moita

**ECNIMOITA**

CLIMATIZAÇÃO E ENERGIA, LDA.

Energia Solar Térmica e Fotovoltaica

Somos especialistas em: Ar condicionado  
Aquecimento central  
Lareiras  
Recuperadores de calor

Sede: Alto do Carvalhinho • Apartado 94 - 2861-909 Moita  
Telef.: 21 289 54 54 • Atend. Fax: 21 289 77 15  
E-mail: tecnimoita-616@clix.pt

## Opinião

## O 25 de Abril Hoje, o Passado e o Futuro



Nuno Cavaco

Depois de 48 anos de fascismo e depois de várias lutas que conduziram aos direitos e liberdades conquistadas em Abril, hoje assistimos a uma tentativa da redução desses mesmos direitos e liberdades. E se vozes se levantam na defesa do já conquistado e agora ameaçado, lá vem a voz autoritária, arrogante e prepotente do opressor, a condenar a luta e a resistência. Se existe resistência então impõe-se, como no caso do Tratado de Lisboa, em que os povos foram impedidos de se exprimir e manifestar contra o aprofundamento do neoliberalismo (agora defunto), contra o ataque aos direitos dos trabalhadores, contra o fim da igualdade entre estados, contra o militarismo e o centralismo. Se existe luta para que se defendam interesses legítimos então diabolizam-se as manifestações e compram-se as consciências, colocando todos no mesmo saco, tentando reduzir o valor dos protestos e da luta.

Tudo vale e vale tudo!

Como Bertold Brecht disse: não seria melhor para o Governo dissolver o povo e eleger outro?

Mas se quem luta e protesta é mau e radical, quem se cala também não é melhor, porque tudo vale no jogo das promessas não cumpridas, nas exigências aos trabalhadores e contribuintes, na política de direita ao serviço dos poderosos. Tudo tem uma justificação e essa justificação dada por injustificáveis governantes ou pelos seus apoiantes, é tudo o que temos de saber!

A receita é a mesma de sempre, perda de poder de compra e perda de assistência social aos trabalhadores, gerando necessidades que levam a que um sistema de crédito parasitário e predador nas mãos de grandes senhores, possa comandar todas essas vidas e alimentar um sistema global em que 1% dos mais ricos fiquem com cerca de 25% da riqueza produzida. Esta diminuição dos salários reais está relacionada com o aumento dos créditos e com a dependência forçada das famílias, com a aprovação de leis laborais noci-

vas aos interesses dos trabalhadores, com a redução da assistência social, com a redução de direitos civis e sindicais, bem como com o aumento da prepotência e arrogância de quem quer impor este modelo muito pouco democrático.

Mas estas intenções e malfeitorias têm sido contrariadas pela resistência dos povos, que vão tomando consciência, que só pela sua acção e luta é que constroem melhor futuro.

E se hoje construímos o futuro não nos podemos esquecer daqueles que lutaram contra o fascismo e que abriram as portas da liberdade ao povo português. Com o 25 de Abril de 1974 iniciava-se a ruptura com o regime fascista de onde nasceu um espírito unitário, marcado pela afirmação do papel dos trabalhadores e das massas populares na construção de um Portugal melhor. Tomando como referência o início da construção do Poder Local Democrático onde se formaram, em amplas assembleias participadas, as comissões administrativas, gerando uma enorme mobilização popular para a participação democrática

de desenvolvimento local. São criadas centenas de comissões e associações de moradores e realizadas jornadas de trabalho voluntário. Neste período implantaram-se infra-estruturas num esforço verdadeiramente colectivo e revolucionário, cujo fruto foi e ainda é de usufruto comunitário. No seguimento da Constituição da República de 1976, foi legislada em 1977, a consagração da autonomia com base na participação popular e descentralização de competências. Existia a possibilidade de delegação de competências nas comissões e associações de moradores. Em 1979 foi criada nova legislação que enquadrava financeiramente todo este trabalho democrático, a Lei das Finanças Locais, que nunca foi cumprida e desde aí atacada.

Daí até aos nossos dias, os sucessivos governos PS, PSD, com ou sem CDS, desviaram-se deste espírito e o Poder Local Democrático foi contido. Pararam a descentralização e a autonomia. Tentaram fazer do Poder Local Democrático um apêndice do governo, contrariando todo o espírito de Abril e fazen-



do regredir a democracia. A luta e a tomada de consciência são o caminho e é com a experiência de quem já fez mais e em condições mais difíceis que temos de aprender a criar um país melhor.

É pois este passado tão recente que urge lembrar para construirmos um futuro melhor, lutando por melhores condições de vida e para que a nossa voz possa ser sempre ouvida, que a nossa participação possa sempre ser dada, porque como dizia o grande poeta Ary dos Santos: ... agora ninguém mais cerra as portas que Abril abriu!

## Opinião

## O prazer de pagar impostos...

Zé da Baixa

Estou entre os 100.000 portugueses que mais IRS pagou nos últimos 30 anos. Sempre me considere um contribuinte líquido do Orçamento Geral do Estado. Faço parte dos 5% da população mundial que tem água potável, energia eléctrica, esgotos e gaz canalizado.

Nascido no início dos anos 50, tirei o curso industrial na Escola Alfredo da Silva, e um curso de engenheiro técnico no antigo IIL, depois ISEL. Filho de operário da siderurgia, que foi autarca pela CDU (presidente de junta). O meu pai morreu há cerca de 10 anos,

com 40 contos de reforma. Quando do 25 de Abril, estava em Bissau e já fui mais vezes a Havana do que fui a Fátima. Estive no comício da CDE, no Ginásio, em 1969. Chovia dentro da colectividade, tal era a condensação do calor de tanta gente unidade pela Liberdade e pela Democracia.

Da minha geração, está quase tudo reformado, à excepção dos trabalhadores das PME(s). Um dia fui a um almoço. Éramos quatro. Com excepção da minha pessoa, todos estavam reformados com pensões entre os 3000 e 5200 euros.

Observo que da minha geração, a classe política, os PT (s), os EDP

(s), os GALP (s), os APL(s), os bancários, os militares e os para-militares, os da SN, Lisnave, Setenave, professores primários e funcionários públicos, etc. - no fundo os que fizeram menos - estão todos reformados. Conseguiram esta regalia com menos de 55 anos de idade. Alguns deles foram reformados com o ordenado actualizado com a promoção na véspera. O Sr. Padre Milícias tem uma reforma de 7450 euros, e diz que tem uma reforma razoável - deve ter sido com alguma cunha divina...

A classe política dos anos 80 e 90 está atolada nos negócios escuros do BCP, do BPN e BPP, ao ponto de um ex-ministro e conselheiro

de estado não se lembrar de ter assinado negócios de milhões. Desempenho as minhas funções numa PME e faço os meus descontos quer para a segurança social quer para o IRS. Quando meto gasolina no carro sei que metade do dinheiro é para o OGE; quando compro um carro, idem; quando vou ao supermercado uma parte dos produtos são a 20% para o OGE.

Vem tudo isto a propósito da actual situação política e económica do país: tudo a roubar, uns por cima e outros por baixo.

Nunca pensei que o regime saído do 25 de Abril criasse tantas desigualdades entre os portugueses: os beneficiários líquidos do

OGE e os contribuintes líquidos do OGE. Não estou arrependido e ainda hoje tenho prazer em pagar impostos, porque acredito no serviço de saúde dos hospitais, nas universidades públicas, no serviço público, e sei que isso custa muito dinheiro. Mas também nunca me passou pela cabeça que os meus impostos fossem também muito mal geridos.

Hoje, não consigo distinguir entre os poucos que roubam muito e os muitos que roubam pouco. O que me preocupa não é o rendimento mínimo, mas o rendimento máximo de muita gente que não merece sequer o rendimento mínimo.

**Pastelaria Tino**  
De: Diamantino Silva

Café

Produtos de pastelaria

Rua 1º de Maio, nº 22  
Baixa da Banheira

**SUPERMERCADO PALMA**

CHARCUTARIA  
PRONTO-A-COMER  
E SUPERMERCADO

Frangos assados  
pratos prontos  
refeições ligeiras

Praceta de Portugal, 6 / 6-A  
2835 BAIXA DA BANHEIRA

Telefone:  
212 043 658

**Papelaria BARÃO**  
De: Filipa Passos

\* Payshop  
\* Agente de cobrança de EDP e Água  
\* Euromilhões, Totoloto e Lotarias  
\* Venda de Passes  
\* Artigos de Papelaria

Estrada Nacional, 95 - 2835-024 BAIXA DA BANHEIRA  
TELEFONE: 212 040 954

## Opinião

## Tempos Inquietos



Carlos Vardasca

Os próximos tempos continuarão de facto a serem difíceis. São tempos inquietos onde não se vislumbra nada de bom para quem apenas vive do seu magro salário, ou de uma mísera reforma que mal dá para pagar os medicamentos, obrigando todos eles, em especial os mais idosos, a vegetar numa agonia que se torna um verdadeiro acto de sobrevivência.

Como o ano de 2009 vai ser um ano repleto de actos eleitorais, aí os portugueses irão ter mais uma oportunidade para sancionar as políticas até aqui em vigor e que tão mal trataram a sua condição de vida, embora o partido do poder já há muito venha oleando a sua máquina de propaganda para tentar minimizar ou abafar o descontentamento.

Desde a distribuição dos “Magalhães” que prontamente foram logo retirados assim que as câmaras de televisão se desviaram do objectivo; das inaugurações efectuadas em duplicado para parecerem muitas mas que se tratavam das mesmas mas inauguradas meses antes; dos 150 mil postos de trabalho prometidos e que não foram criados, até à recente medida do governo que anunciou ajudar ao pagamento das rendas de casa a quem esteja no desemprego, cuja contrapartida é, terem que

pagar mais tarde a verba resultante da ajuda mas acrescida de juros, aumentando o encargo familiar de quem vier a recorrer a essa manhosa medida propagandística, meramente eleitoral.

Os tempos são de facto difíceis, e, quem deles mais sofre, é natural que se deixe facilmente fascinar e recorra a todas as ajudas possíveis (venham elas de onde vierem pois as necessidades assim o obrigam) sendo apenas vergonhoso que o partido do governo se aproveite da situação que ele próprio criou para, explorando as necessidades de cada um daí tentar retirar dividendos políticos, em proveito de uma elite bem instalada que nunca se compadeceu com as condições sociais dos mais necessitados, que apenas são lembrados em ciclos eleitorais para logo serem esquecidos após a tomada de posse dos governos.

É sabido que em Portugal as desigualdades sociais aumentam enquanto as fortunas se acumulam em paraísos fiscais; que as empresas encerram todos os dias e colocam no desemprego milhares de trabalhadores, sendo uma das formas que alguns empresários encontraram para aliviar os encargos com os salários dos trabalhadores e reorganizar as suas empresas, agravando as já precárias condições de vida de quem trabalha, aumentando o numeroso exército de desempregados e consequentemente a instabilidade

social.

É neste clima de crise generalizada (embora dela estejam isentos os membros do governo, banqueiros, administradores de empresas públicas, privadas e outros quadros e elites que lhe estão próximos, muitos deles lá colocados pelos sucessivos governos e que auferem várias e avultadas pensões) que se pedem sacrifícios aos trabalhadores em nome de uma crise que se instalou apenas nos seus bolsos e que está a ser gerida à sua custa.

É em nome desta crise “que não bate à porta de todos”, que muitos trabalhadores nas empresas, com receio do desemprego, se vêm obrigados diariamente a ceder à chantagem das multinacionais e abdicar de alguns dos seus direitos para salvaguardarem os seus postos de trabalho (que lhes dizem estar ameaçados) ajudando, indirectamente, à recomposição e organização da economia capitalista e das políticas neoliberais dessas multinacionais, cujos lucros e riqueza (apesar da crise) nunca pararam de aumentar.

A nível internacional, não deixa de ser preocupante que o recém-eleito presidente do EUA, Barack Obama tivesse colocado um grupo de conservadores judeus como responsáveis pelos assuntos do Médio Oriente, entre os quais Rahm Emanuel e George Mitchell (alguns deles vindos da Administração Clinton), o que não se augura nada de bom daquelas

nomeações para as aspirações da luta dos palestinianos na construção do seu estado independente; para que lhes sejam devolvidos os territórios ocupados e se ponha cobro à política expansionista de Israel.

Não deixam também de ser preocupantes as declarações do Papa Bento XVI quanto ao que diz ser “os malefícios causados pelo uso do preservativo” e que, ao serem proferidas sem qualquer rigor científico baseando-se apenas em dogmas religiosos, irão decerto (oxalá que as populações africanas não lhe dêem ouvidos) contribuir para a propagação do vírus da SIDA, declarações que contrariam as orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS) e o esforço que as organizações humanitárias têm desenvolvido no terreno, com resultados positivos, para debelar aquele drama que tem dizimado populações inteiras em todo o mundo e em particular no continente africano.

De regresso ao nosso país e mais concretamente ao que se relaciona com as eleições a realizar em 2009 (Europeias, Legislativas e Autárquicas) não deixa também ser preocupante que já se assista também por parte de algumas câmaras a actos de pura propaganda eleitoral, publicitando até à exaustão obras construídas ou a construir mas com verbas vindas do Orçamento Geral do Estado ou da União Europeia, mas que fazem constar que são obra sua,

com o objectivo de criarem uma opinião pública que lhes seja favorável para se eternizarem no poder autárquico, continuando a degradar as condições de vida dos seus munícipes devido ao excessivo endividamento a que sujeitaram as câmaras que dirigem, impedindo o desenvolvimento sustentado dos concelhos que administram, apesar de governarem (beneficiando da elevada abstenção e da dispersão dos votos pelas outras forças políticas concorrentes) sem que a maioria das populações lhes tivesse confiado o voto.

São de facto tempos inquietos os que se vivem e os que se aproximam, competindo a cada cidadão quando for chamado a pronunciar-se tomar as decisões mais correctas, abandonando de vez a fidelidade partidária, cujos valores já foram bastas vezes traídos mas que os partidos tradicionais ainda dizem defender mas que já não correspondem à realidade, e confiar naqueles que de uma forma coerente, humilde, e que sem pedirem nada em troca se têm colocado verdadeiramente do lado dos mais fracos, defendendo um novo conceito de cidadania, batendo-se por valores e não por meras engenharias eleitorais, denunciando, com frontalidade, a violação por parte dos mais poderosos dos direitos dos que mais precisam e sofrem com a crise, de onde, aliás, verdadeiramente nunca saíram ao longo da sua existência.

## Opinião

## Saída p'ra Liberdade



Adalberto Carrilho

Sair da ditadura é mais fácil que conservar a democracia. Após longos anos de conservadorismo fascista, empacotado de várias formas e feitios, chegou o grande dia há muito almejado pelo povo. – O Dia da Liberdade!

O 25 de Abril foi para o povo português e não só, o dia de arregaçar as mangas e desvincar o sobrolho há muito enrugado pelo medo de estar. Canta-se, dança-se e alimenta-se a esperança de uma nova e merecida vivência. De tal maneira este dia

surtiu que, mais tarde, outras nações levadas pelo nosso exemplo, enveredaram também elas pelo caminho da democracia.

Porém, os dias passam, os anos também, sem que nos apercebamos, as raízes do 25 de Abril deixam germinar outros rebentos, qual erva daninha! Passa-se a vislumbrar os vários aproveitamentos ditos oportunistas, a tal ponto que, nos últimos dez anos, surgem quase dois mil ‘novos ricos’ neste Portugal tão pobre.

Nada de espanto, é que, com os governos há anos instalados no nosso País, as classes trabalhadoras e médias mais não podem fazer que sobreviver. Estende-se cada vez mais a mão à

caridade. A fome começa a diminuir o riso. E a vida está a deixar de o ser.

Enquanto tal, pavoneia-se o Governo, chamando sistematicamente estúpido ao povo, com actuações ‘brilhantes’ do Sr. Primeiro-Ministro. De facto, temo-lo sido!

Porém, não o seremos mais. Acredito no nosso valor enquanto povo que sofre. Acredito que em Outubro próximo, deixaremos de ouvir falar em Sócrates, este Primeiro-Ministro que não quer saber do povo. Então, será o povo que não vai querer saber dele, porque já chega: chega de sofrimento para o povo; chega de arrogância política; chega de

autoritarismo; chega de dizer aquilo que não faz; chega de desrespeito para com a União Europeia; chega de deste fascismo encoberto, escondido atrás da crise mundial; chega de achincalhar os representantes dos trabalhadores; chega de não dar ouvidos ao Dr. Mário Soares. Chega Sr. Primeiro-Ministro. Não se esqueça que é o povo quem mais ordena!

É necessário e urgente ‘correr’ com este Governo, para que o povo se liberte e possa (re)viver e voltar a viver com esperança.

Para o povo deste nosso País em sofrimento, desejo um óptimo 25 de Abril, com todos na



rua – na luta e a festejar. Bem hajam!

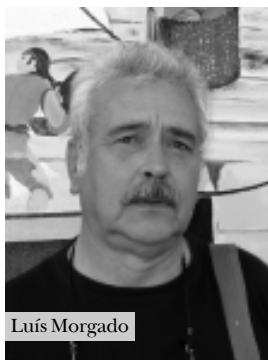
«Perguntai ao homem roto e faminto, se por casualidade ainda leva consigo a própria alma». Manuel Maria, poeta galego.

## A Arte no Concelho

V.P.M.

**A «Arte no Concelho» apresenta hoje Luís Manuel de Oliveira Morgado o autor de dois murais na Moita, um junto ao cais e outro frente ao mercado de levante.**

**Luís Morgado, Operário metalúrgico, tem 57 anos, é natural e residente na Moita. Sindicalista desde muito jovem, era estudante e nem sequer ainda trabalhava, foi ele que espalhou à entrada das fábricas da Moita, a informação aos trabalhadores a dar conta da criação da CGTP-Intersindical, em Outubro de 1970. Após o 25 de Abril, em todas as empresas onde trabalhou foi membro das CT's ou delegado sindical. Durante cerca de 10 anos, foi dirigente sindical, umas vezes a trabalhar na empresa e outras a tempo inteiro no sindicato. Esteve cerca de 2 anos, a tempo inteiro, como membro do executivo da União dos Sindicatos de Setúbal. Nas autarquias, foi membro da Assembleia de Freguesia da Moita. Politicamente é um democrata e defensor da ideologia comunista.**



Luís Morgado

Luís Morgado é uma figura bem conhecida na sua terra, onde o fomos procurar para a entrevista que se segue:

**O Luís Morgado é autor de dois murais na Moita, um junto ao cais e outro junto ao mercado de levante, e restaura ocasionalmente o mural comemorativo da elevação da Baixa da Banheira a Vila. De onde lhe vem esse gosto e aptidão para realizar pinturas de grandes formatos?**

O gosto pela pintura de grande formato resultou de uma necessidade que se verificou antes do 25 de Abril com a pintura de palavras de ordem contra o regime fascista, aí não havia forma de fazer melhor ou pior, e já nessa altura desejei fazer uma coisa diferente, mas essa oportunidade nunca aconteceu. Após o 25 de Abril, então, sem ter bem a noção se poderia fazer ou não desafios com coisas mais bonitas em vez de fazer pinchagens à corrida, mal feitas, dar-lhes algum colorido para que fosse propaganda de facto, esse era o objectivo, a luta dos trabalhadores e a afirmação das liberdades, então, aí o desejo de fazer melhor, com algum capricho, resultou em algumas coisas bonitas. Era uma forma de não agredir as pessoas e utilizar as paredes, em muitas das situações eram mesmo paredes velhas, não só na Moita mas em diversas partes do distrito. Tudo isto muito ligado às lutas sindicais. À entrada de Alcácer do Sal, tantas vezes eu pintei aquele muro com temas da reforma agrária, em solidariedade com os trabalhadores agrícolas das UCP's e Cooperativas. É daí que isto tudo vem.

É claro que em mítido me diziam que eu tinha algum jeito para o desenho, mesmo na escola os professores o diziam e até alguns guardavam desenhos meus. Nessa altura, um aspecto que eu nunca desenvolvi foi o decorativo. Mas às tantas arranjei coragem e comecei a desenvolver e a fazer coisas mais difíceis e assim vai andando. Isto depois junto a grupos de teatro, nas colectividades da Moita, resultou em começar a desenhar grandes formatos. E de tal forma assim é que eu hoje tenho dificuldades em desenhar em folhas pequenas, mas gostava de concorrer à Bial de Pintura em Pequeno Formato da CACAV, até porque cheguei, várias vezes, a fazer cenários enormes sob

a direcção do Sr. Joaquim Afonso Madeira, em peças que ele encenou, na Capricho Moitense.

Cheguei a estar como dirigente sindical a tempo inteiro e, claro, deixava para a noite muitos dos painéis que fazia, alguns deles até descambaram em calendários, foi o caso de um painel que fiz em Setúbal sobre o centenário do 1º de Maio.

Tudo isto tem a ver com a aptidão. Eu não me considero um artista, porque nunca estudei nesse sentido, trata-se de desafios e de algum capricho, que o meu desenho de máquinas e aquele jeito que os professores já diziam, então isso somado, com algum capricho à mistura, resulta naqueles trabalhos que por aí observam. Mas como artista é uma coisa diferente, claro que tenho na minha cabeça fazer coisas e já fiz algumas, que se encontram, por exemplo no Sindicato dos Metalúrgicos, uns amigos bascos têm uma colecção de desenhos meus e até fizeram uma exposição na cidade de Vitória e venderam aquilo tudo. Eram desenhos em folhas A4, pintados com mercúrio-cromo. Mas afirmar-me como artista não, porque isso aí é outro desafio e outra criatividade.

**Ao realizar os seus murais o Luís Morgado tem noção de que quer pelo colorido quer pela acção representada, eles acabam por dominar o espaço urbano em que se inserem? Como é que o Luís convive com uma arte tão exposta, pública, sujeita constantemente à apreciação das populações, tendo também em consideração que o espaço é delas?**

Sobre esta situação de pintar murais, é claro que tratando-se de qualquer coisa que fica exposta ao público, sujeito-me à apreciação daquilo que as pessoas pretendem fazer e sem dificuldades nenhuma, e daí já resultaram boas ajudas, até de alguns artistas que me disseram que se tivesse feito assim ou assim daria outro resultado, claro que também aparecem outras apreciações e até alguns disparates que pouco importa. A minha preocu-

pação é ver se, na maioria dos casos, corresponde ou não à sensibilidade das pessoas, e dos que tenho feito aqui na Moita o resultado é interessante, porque as pessoas gostam e revivem, o que significa que valeu a pena fazer. E coloca os mais novos a falar com os mais velhos, “então o cais era assim ... onde é que estava aquilo, como é que desapareceu ...”, então há muita conversa que se desenvolve a partir daí, se calhar aqueles bancos que estão junto ao mural do cais da Moita já corresponderam a espaço de muitas destas conversas, e esse aspecto deixa-me realizado em relação ao trabalho que foi feito e, para mim, esta é a parte mais importante.

**Na sua opinião os murais devem ser comemorativos, como o que realizou sobre a república, ou permanentes, como retratos de outras épocas, de que é o caso do cais da Moita?**

Em minha opinião as duas coisas conjugam-se, pois se repararmos no caso dos murais, quer o da república quer o outro sobre o cais, eles não deixam de ser comemorativos, depende do ponto de vista em que cada um se coloca, aqui estamos a comemorar e a memorizar um tempo e o mural da república não deixa de ser a mesma coisa, o efeito nas pessoas acaba por ser muito parecido. Em relação ao mural do cais da Moita geram-se conversas procurando identificar o que foi, como é que foi, por vezes como é que eram ouvidas as pessoas na época, qual era a população local, como era a vida social na Moita, estas perguntas não deixam, por outra forma e por outras razões, de ser feitas, por exemplo, no mural sobre a república, logo, o ser comemorativo ou essencialmente memorativo acaba por gerar quase os mesmos efeitos. Evidentemente que em termos de objectivos no presente, o mural da república surge porque estamos numa altura pré-comemorativa do 1º centenário da república e a Moita é uma terra que tem predicações, pois já em 1908 o partido re-

publicano tinha ganho as eleições e foi uma vila que aderiu de imediato nos primeiros passos que levaram à implantação da república, mesmo sem o conhecimento de como as coisas estavam a decorrer em Lisboa, as pessoas da Moita desfraldaram a bandeira republicano no edifício da Câmara, ao dia 4 de Outubro, o que se pode afirmar que aqui a proclamação foi feita antes do que oficialmente se conhece. Claro que a Moita não foi decisiva, decisivo foi em Lisboa, mas não é uma questão menor, tendo em conta tudo o que se passava nessa época, numa terra como a Moita em que provavelmente nem escolas havia, em que a Moita engrossava os quase 90 % de analfabetos que existiam nessa altura, além de que a república é em si mesma muito importante por montes de coisas. Julgo que tudo isto são motivos interessantes que fazem reviver o sentimento de quem nasceu ou habita esta terra, e alguns até descendentes de pessoas que estavam cá nessa altura e mesmo até de protagonistas desse processo.

Agora em termos artísticos da opção que foi feita, ora aí está, não se trata propriamente do mérito de ser artista, trata-se de copiar imagens que se conhecem ou se observam e depois dispô-las da melhor maneira e que traduza algum significado. Naquele mural vão encontrar a Moita, em que as pessoas estavam agitadas e em piquetes de vigilância em vários locais, daí a espingarda, o pau e a forquilha, da mesma forma que aparece uma mancha negra e uma saída de alguém a remos que foi a Lisboa informar o que se estava a passar na Moita, tal como aparece no discurso de Machado Santos uma referência à Moita. Aparece também o navio Adamastor que teve uma acção decisiva no Tejo, com a bandeira da Carbonária hasteada (esteve assim durante mais de um dia). E, naturalmente, o edifício da Câmara Municipal de Lisboa, onde foi proclamada a República. Para re-



## Entrevista a Luís

# Morgado

presentar a república portuguesa utilizámos uma imagem de Delacroix, devidamente retocada, com uma mulher de seios à mostra, a opção desta imagem assenta numa ideia pessoal, aceite pelos amigos da Junta de Freguesia da Moita, que foi quem encomendou o painel, porque entendi que a república como tradicionalmente aparece representada não era muito abonatória para as mulheres, então optei por esta imagem inspirado na cultura de Delacroix, com as cores da república. É a imagem de uma mulher em luta e não de uma mulher a passear numa passerelle. A referência a outros aspectos, como a Torre dos Clérigos, é porque o movimento chegou a todo o país, foi uma forma de abarcar o país todo. Sobre os estilos que ali aparecem são tentativas diversas, usei o estilo de Delacroix e de outros artistas portugueses, mas não há propriamente um estilo próprio, tudo assenta no tal capricho, a opção saiu da minha cabeça mas não a deixei de partilhar com os amigos que seguiram o trabalho, o João Faim, o João Miguel, o António Tavares e outros.

**Interpreta os murais como arte urbana, cujo conteúdo é uma mensagem, ou como uma realização que tem apenas como fim um acto de embelezamento? Ou seria mais desejável conjugar as duas vertentes?**

Eu acho que isto se devia multiplicar, já existe pelo país fora, na forma de murais em azulejo, que constituem bons exemplos de arte urbana. Há uma prevalência arraigada à mensagem religiosa que não deixam de marcar épocas e serem boas traduções da vida social e dos hábitos à época. Este tipo de arte podia ser usada com o objectivo de permanência ou ser apenas temporal como o caso da república. Tem também o efeito de limpeza e de embelezamento, o que agrada a quem passa, a quem visita a terra e aumenta o capricho de quem cá vive, pois anima-as e educa-as para capricharem mais pelas coisas na sua terra. Penso que seria importante darem-se passos, não só na Moita, mas por esse país fora. Assim, a arte acabava por ser mais colectiva e ficava tudo mais bonito.

**Quando falamos de arte mural, falamos de paredes. As paredes da**

**Moita estão assim tão desnudas e tristes que necessitem do contributo de um artista para adquirirem alegria?**

Já respondi a esta pergunta, mas vou dar um exemplo. Eu não sou um entusiasta da tauromaquia, mas quando estava a pintar o mural, eu e o meu amigo Carlos Dias partilhámos algumas conversas com gente amiga e tive a ideia de fazer dois enormes murais: um com o cavaleiro José Mestre Batista e outro seria uma espera de touros à antiga, a partir de um desenho do pai do Dias, numa perspectiva correcta do local e da escola onde eu andei. O mural do José Mestre Batista é porque este cavaleiro tauromáquico revolucionou o toureiro a cavalo, tirou a alternativa na Moita, e ainda por cima foi o único cavaleiro, que eu conheça, que saudou o 25 de Abril e participou numa corrida pela liberdade, no Alentejo, toureando os seis touros. Por todas estas razões estou disposto a entrar nessa, até porque seria uma forma de ligar esta terra às suas coisas, mesmo porque há poucas referências às antigas actividades que existiam na Moita, embora existam bons registos fotográficos. O local proposto seria em duas paredes, uma frente à outra, na saída da zona envolvente à praça de touros para o parque da Moita. A ideia está lançada mas ainda não obtive nenhuma resposta.

**Na Moita, quando retocou o mural junto ao cais, introduziu-lhe alguns elementos que não constam na imagem original, como os cabeçudos e o par de ébrios. Porquê?**

Bem, de tanto estudada que foi a fotografia, concluiu-se que, se estava uma multidão de pessoas no cais da Moita, não seria só para a fotografia (de 1832), haveria com certeza uma festa, até porque se nota a presença de uns arcos de arraial, daí termos transformado a fotografia em festa, e ninguém concebe a festa da Moita (basta ver a tarde do fogareiro) sem o garrafão e os cabeçudos (embora esta seja uma tradição da Beira Baixa, já havia aqui a presença dos caramellos), e foi isto que se fez, talvez ainda influenciado pelo facto do mural ter sido sempre feito nas vésperas das festas da Moita. Agora o não aparecer a torre da igreja, é uma crítica que se faz, parece-me que a igreja já estaria feita, mas na

fotografia não se vê a torre da igreja, talvez o ângulo em que foi tirada a fotografia, muito por baixo, tenha impedido de aparecer a torre da igreja, e eu quis respeitar a fotografia.

**Qual a parede do concelho que mais “deseja”? O que pintaria nela e porquê?**

Já há bocado falei nisto. Neste momento o que tenho em cabeça e mais desejava era o que tinha visto com os meus amigos, na altura de refazer a pintura do cais da Moita, ou seja, os tais dois murais na zona envolvente à praça de touros. Os cálculos, já na mente, dariam um rosto do Mestre Batista com meio metro de largo, calcula-se o tamanho do cavalo e do outro lado seria a espera de touros no largo da Escola Conde Ferreira, de que eu fui um dos últimos alunos. Acho que seria interessante, até porque espaço que está pensado vai ser requalificado com a remodelação do parque. Aliás, esta é uma brincadeira que eu, o Dias e outros amigos gostaríamos de realizar. Pela minha parte, com o desemprego, estou numa situação ocupacional e não me chatearia de trabalhar desta forma, mas estes painéis, pela sua dimensão, envolvem outras pessoas que deveriam ser tratadas de igual maneira, pelo que é uma situação que deveria ser tratada a outro nível.

Um dia destes, isto começa a fazer currículo e vou-me exercitando, se calhar até poderei refazer a minha vida a fazer painéis destes, em qualquer lado, quem sabe!

## Arte Urbana

# Venham mais murais

Vitor Pereira Mendes

Não vamos ao seu encontro, porque é ela que nos encontra. É um encontro inevitável, pois cidadão e obra artística habitam um território comum. Ainda que não queiramos, a recepção acontece porque passamos por ela, e porque assim é, porque somos sensíveis e com amplo sentido de dar ao espaço e ao mundo uma ordem harmoniosa, desejamos poder compreender, aceitar e apropriar a arte que se nos apresenta, inscrita agora no circuito rotineiro do dia-a-dia. A este nível de exposição – exibição pública em espaço público – e de reorganização do espaço através da arte visual, podemos sempre equacionar se a composição do “figurado” poderá mesmo dissociar-se da composição “social” do receptor, que é o cidadão comum, e apresentar-se e estar contra as pessoas? É evidente que não! Os graffiti, que confundimos com arte urbana possuem precisamente este enquadramento. Não são apenas uma forma de expressão, mas também expressam domínios territoriais, controlos de espaços que são vitais à

reprodução de determinadas tribos urbanas. Propõem um padrão agonístico, que não se circunscreve ao campo da arte. O seu domínio – pelo aquilo que assistimos nesta Margem Sul – é o da transgressão, do desafio às autoridades. E este é o limite que obsta a que encaremos o graffiti de modo mais sério. Ora a arte também é transgressão de normas e de irreverência frontal e de desafio aos cânones estabelecidos, mas sempre dentro de um quadro conceptual de discussão e crítica. A “provocação” é dirigida aos conceitos, nunca às pessoas e ao espaço que habitam. A arte é humana, desconstrói e reconstrói o homem, para fidelizá-lo num claro caminho de uma humanidade mais consciente e digna e por isso tem de poder ser apropriada. E se existe no espaço comum, numa parede, numa empena, num muro, que se seja apropriada pelas pessoas comuns. O mural, com funções mais retratista, ou de inspirada composição, identificável, é sempre um passo para fazer as pessoas redescobrirem que o mundo e o espaço urbano também se reorganizam com a arte pictórica.



**José Maria & Paixão, Lda.**  
**Reparação de automóveis**

**Mecânica • Bate-chapa  
 Pintura**

Estrada Nacional, 171 - 2835 BAIXA DA BANHEIRA  
 Telef. e fax: 212 040 832

**ALUMÍNIOS BOM SUCESSO**

De:  
 Rui Jorge Dias Carneiro Batista

Marquises - Portas - Janelas  
 Divisórias - Balcões e Vitrinas  
 Separadores de Banheira e Polibans

Oficina: Rua São Tomé e Príncipe, nº 4  
 2835 BAIXA DA BANHEIRA

Telef.: 212 093 250  
 Telemóvel: 96 901 54 78

**A AGRACÇÃO**  
 Sapataria, Lda.

Representação  
 exclusivas:

azaléia | dijean | lotto  
 Best Green | HANNUCCI

*Calce bem!... Calce Barato!...*

Sede:  
 Rua da Padaria, 27  
 S. Simão  
 2925-809 AZEITÃO

Loja:  
 Rua 1º de Maio, 61-B  
 2835-174 BAIXA DA BANHEIRA  
 Tel.: 212 041 765

Celebre a  
**VIDA,** conduza em  
**SEGURANÇA**



Querido Pai

Tenho visto muitas vezes na televisão que pessoas morreram na estrada e fico muito triste quando passo que podia ser alguém da nossa família.

Não quero que isso aconteça.

Por isso tenham muito cuidado. Usem sempre o cinto. Não quem depressa nem façam ultrapassagens perigosas. Nunca bebam antes de conduzir.

É falar comigo quando vão ao volante e esqueçam o telemóvel.

É que quero muito que continuemos a ser uma família feliz. Um beijinho!♥

Lúcia Miguel Louro  
9anos!



O 25 de Abril, data da Revolução dos Cravos, como ficou conhecida, e o 1º de Maio, Dia Internacional do Trabalhador, são duas datas que devemos comemorar.

O 25 de Abril, para além do significado histórico, sendo uma marca inabalável da democracia do nosso país, também, porque, cada vez mais, faz sentido ter-se lutado pela Liberdade e Democracia.

O 1º de Maio, devido à necessidade de que fosse Dignificado e Respeitado O TRABALHADOR.

**Lutemos Hoje, Lembrando o Passado, para Preservar o Futuro!**



Contudo, teremos de ser mais participativos e reivindicativos, só assim, poderemos assegurar os Direitos, que muitos tentam aniquilar todos os dias.

**Agir Contra a Destruição do Trabalho, é necessário para que o Nosso Futuro e o do Nosso País seja Assegurado.**

*Participe nas Comemorações do 25 de Abril e do 1º de Maio*



35º  
Aniversário  
25 de Abril

Assembleia Municipal  
da Moita



**MANTENHAMOS ABERTAS AS PORTAS  
QUE ABRIL ABRIU**

O dia 25 de Abril de 1974 foi uma data marcante para a viragem política e social do nosso povo e do nosso país.

Após 25 de Abril de 1974 constituíram-se e organizaram-se os partidos políticos que fizeram aprovar a Constituição da República Portuguesa, a qual consagrou as conquistas entretanto conquistadas pelo Povo, tais como, entre outras, o direito à Educação com um ensino universal e de qualidade, o direito à saúde com a constituição do Serviço Nacional de Saúde, direitos estes que persistem e que, como todos sabemos, estão actualmente a ser defendidos pelas lutas dos trabalhadores e do povo.

Nestes tempos de crise económica, de aumento das desigualdades, onde crescem os privilégios próprios dum sistema neoliberal capitalista, que permite e incentiva a exploração do homem pelo homem, lutemos pela defesa das conquistas de Abril, sejamos cidadãos, honremos o passado, participemos no presente e também no futuro, mantenhamos abertas as portas que Abril abriu.

O Presidente da Assembleia Municipal da Moita

Novo Espaço Comercial



**Auto-Serviço**

Materiais de construção - ferragens - ferramentas  
Madeiras - pavimentos - tintas  
Black&Decker - Bosh - Robbialac

**Aberto aos Sábados e Feriados**



**BARÃO & COSTA**

Sede e Estabelecimento:

Estrada Nacional 11-1, nº 308  
Baixa da Banheira  
Tel.: 212 059 210

Uma nova vida para o rio

# Nova ETAR melhora o ambiente e a vida das populações

**A construção da Estação de Tratamento de Águas Residuais e dos Sistemas de Drenagem e Elevatórios do Barreiro/Moita, em curso, são obras de grande vulto e infraestruturas essenciais para as boas condições sanitárias, com vista à melhoria do ambiente e da vida das populações. Por isso, colocámos ao presidente da Câmara Municipal da Moita as seguintes três questões:**

**Com a melhoria da qualidade da água do rio, que tipo de desenvolvimento se pode esperar na zona ribeirinha?**

A melhoria dos parâmetros da qualidade da água no rio Tejo, entendida por nós como uma prioridade em termos ambientais, é fulcral para se atingir uma nova fase de desenvolvimento ambiental, social e económico. Depois de requalificadas, as águas do Tejo e as suas margens apoiarão, a bem de todos, a qualificação pela qual há muito lutamos, com o regresso ao rio e o bem-estar à beira do Tejo em toda a sua plenitude e potencialidade, não apenas no concelho da Moita mas em todo o arco ribeirinho sul.

A execução desta obra é estruturante para os Concelhos da Moita e do Barreiro, bem como para a Península de Setúbal, pelo forte investimento que representa e pelo impacto que irá ter no dia-a-dia das populações (recorde que no concelho da Moita irá abranger 92% da população) e pelo importante contributo que daremos para a preservação do meio ambiente e requalificação do rio.

**Que projectos tem a Câmara programados com vista à melhoria da qualidade do ambiente no município?**

Vários são os projectos e acções que estamos a desenvolver no sentido de contribuir para um melhor ambiente, não só no nosso Município mas também em toda a Área Metropolitana; podemos destacar:



A candidatura ao QREN, com êxito, denominada "Operação de valorização da zona Ribeirinha – da caldeira da Moita à praia do Rosário", esta operação vai permitir dar continuidade ao processo de valorização da zona ribeirinha iniciada pelo Município, possibilitando um ambiente urbano mais qualificado e uma maior aproximação e vivência do Tejo. No âmbito destes investimentos, destacamos as obras que vão ser levadas a cabo, pela Câmara Municipal e pela Administração do Porto de Lisboa, na Caldeira da Moita com

o objectivo de recuperar a navegabilidade nesta área contribuindo para o incremento da, já de si, forte dedicação da população e das colectividades ligadas à náutica em prol da tradição ribeirinha e dos usos marítimos. Está previsto que as obras no dique arranquem no próximo mês de Junho.

Projecto "Bio Local" é outra candidatura ganhadora, das 157 apresentadas ao programa Gulbenkian Ambiente, o nosso projecto foi um dos 15 seleccionados, este projecto envolve diferentes iniciativas de sensibilização para a biodiversidade.

O nosso envolvimento na S.energia – Agência Regional de Energia, é mais uma aposta forte na melhoria da qualidade do ambiente, nomeadamente na promoção de actividades que contribuam para a maior eficiência energética, com a melhor utilização dos recursos energéticos endógenos da região.

Também aderimos ao Plano de Melhoria da Qualidade do Ar na Região de Lisboa e Vale do Tejo o que demonstra a nossa vontade e empenho em implementar medidas que visam diminuir os níveis de poluentes na atmosfera.

**Acha que a população compreende a necessidade e a urgência desta obra?**

A construção da ETAR é uma obra reivindicada há muitos anos, com o objectivo de servir integralmente as actividades e necessidades da população e do Concelho da Moita, acreditamos que existe uma maior consciência para os problemas ambientais e que a população está ao nosso lado em tudo o que visa a melhoria do ambiente, em que estamos integrados, e da nossa qualidade de vida.

Infelizmente, existiram significativos atrasos em todo este processo, consequência das mudanças das políticas governativas verificadas nos últimos 20 anos. Foram precisas duas décadas para estarem reunidas todas as condições (políticas e financeiras) para o avanço da obra, que decorre a bom ritmo.

## Estamos a melhorar o ambiente na Moita

CONSTRUÇÃO DOS SISTEMAS DE DRENAGEM E ELEVATÓRIOS DO BARREIRO/MOITA - MOITA

Já estamos a construir uma Nova Vida para a Península de Setúbal!

A SIMARSUL, S.A., entidade concessionária do Sistema Multimunicipal de Saneamento de Águas Residuais da Península de Setúbal, é a empresa responsável pela construção dos Sistemas de Drenagem e Elevatórios do Subsistema do Barreiro/Moita – Moita.

A construção destas infra-estruturas de saneamento – emissários e condutas elevatórias – localizadas no Concelho da Moita, vai permitir encaminhar as águas residuais para tratamento na nova Estação de Tratamento de Águas Residuais (ETAR) de Barreiro/Moita. Assim, com a entrada em funcionamento da ETAR de Barreiro/Moita, em 2010, serão tratados os afluentes correspondentes a 290 000 habitantes equivalentes, melhorando as condições sanitárias e a qualidade de vida da população local.

Esta intervenção, que será desenvolvida entre Janeiro de 2009 e Junho de 2010, com possíveis incómodos associados, trará, também, grandes benefícios em termos ambientais para toda a população. A SIMARSUL, nesta sua acção, está a contribuir para a despoluição da bacia do Rio Tejo e para a requalificação da zona Ribeirinha da Moita, dando uma Nova Vida à Península de Setúbal.

A Península de Setúbal representa um valor ambiental sem comparação. A missão de recolher, tratar e devolver ao meio natural em condições ambientalmente seguras as águas residuais dos municípios de Alcochete, Barreiro, Moita, Montijo, Palmela, Sesimbra e Setúbal, que à SIMARSUL está atribuída, contribui para um ambiente melhor, preservando os recursos hídricos e a qualidade de vida das populações.

[www.simarsul.pt](http://www.simarsul.pt)



## Cinema

## “Sonhos Partilhados”



Carlos Couceiro  
carloscouceiro@  
hotnews.com.pt,  
é da Moita, exerce  
funções de Director e  
Editor de um site  
especializado em cinema  
e televisão (Hotnews:  
www.hotnews.com.pt)

Ir ao Cinema, enquanto uma experiência social, tornou-se algo a evitar por muitos, por múltiplas razões. Os preços das sessões; a inexistência de civismo e de respeito para com o outro por parte daqueles que consideram o seu bilhete de cinema uma carta-branca para chamar casa a um espaço de todos; e até mesmo a falta de qualidade de muitos dos filmes lançados actualmente nos cinemas pelos seus responsáveis que por razões comerciais (porque convenhamos o cine-

ma é um negócio e como todos os negócios procura maximizar o seu sucesso financeiro) preferem lançar filmes com caras conhecidas e sem qualquer história que se lhe valha do que filmes com qualidade e capazes de provocar a psique do espectador (sendo *Second Life* um dos exemplos mais flagrantes).

Rogo-lhe que não desista do Cinema. Ainda existem longas-metragens aprazíveis, bem apresentadas e bem estruturadas, para ver em família, para ver com a sua cara-metade ou para ver a solo. É preciso saber apenas onde as encontrar. A inocência de criança pelo mundo “Faz-de-conta” pode perdurar muito tempo depois de entrarmos na adolescência, depois de termos descoberto que afinal não era um senhor de barba branca que nos trazia os brin-



Imagem cedida por  
Columbia TriStar Warner

quedados pelo Natal e que nem sempre por baixo de todas as sopas iria estar uma moeda de

100 escudos. Deixamos de acreditar em muitas coisas, a maior parte delas por já não fazerem sentido depois de tudo o que vamos aprendendo no nosso dia-a-dia, mas há outras em que nunca devemos deixar de acreditar. A Magia do Cinema é uma delas. A capacidade que um bom realizador tem em nos contar uma história complexa e interessante durante noventa minutos é algo na qual nunca devemos deixar de acreditar. E mesmo que a sua esteja dormente, deixo-lhe algumas sugestões que desconfio serem capazes de o fazer relembrar do quão esplendoroso o Cinema pode ser:

- *Dupla Sedução*, de Tony Gilroy com Julia Roberts e Clive Owen. Em termos sucintos, em vez de nos revelar de mão beijada todos os desenvolvimentos, Gilroy procura levar-nos a com-

prender o casal protagonista para que sejamos nós espectadores a antever as mentiras da dupla, solucionando assim um bem construído puzzle com bastantes surpresas à mistura.

- *Gran Torino*, de e com Clint Eastwood (pela última vez). Um típico e clássico anti-herói, numa história simples e algo corriqueira, mas que ainda assim consegue transmitir uma forte mensagem de compaixão para com o próximo, fazendo ver até ao espectador mais alienado que nunca é tarde para mudarmos a forma como encaramos o mundo. É um caso perfeito para evocar a expressão “Já não se fazem filmes assim”.

Quer esteja na casa dos vinte ou dos sessenta, procure encerrar o Cinema como um Espectáculo singular, insubstituível e imperdível. O Sonho de um partilhado com todos.

No Fórum Cultural JM Figueiredo

## “Cine Memórias” de 17 de Abril a 31 de Dezembro

Abertura às 21:00 horas

A memória que guardamos do Cinema, arte recente e com pouco mais de 100 anos, possui o registo fatal da censura. Ainda no berço, desde o velho cinema mudo até Abril de 74 o cinema sofreu em Portugal uma realidade de cortes, proibições e imposições. Foi uma realidade de repressão, ausência de liberdade criativa e imposição. As imagens em movimento deslumbram, fascinam, atraem, povoam imaginários e moldam mentalidades. Foram estas potencialidades que o Estado Novo temeu e simultaneamente utilizou, transformado o Cinema num instrumento de propaganda e de dominação cultural. Mas é também a memória de uma vontade colectiva de recuperar o tempo perdido, de desfrutar da liberdade de Abril e ver a actualidade

de fitas já com trinta ou cinquenta anos de vida, como “O Grande Ditador” de Charlie Chaplin, ou “O Couraçado Potemkine”, de Eisenstein.

O Cinema de hoje já não possui a dimensão social dos tempos em que se projectavam as fitas nas paredes de Alhos Vedros e em que cada um levava cadeira e manta de casa; dos tempos em que o cinema era de colectividade, assegurado em regime de voluntariado por aqueles que ficavam de bilheteira, às portas a cortar bilhetes ou de lanterna na mão a levar os mais atrasados ao lugar; dos tempos da barraca “Coliseu-Cine”, na Baixa da Banheira. Os novos tempos ditaram a morte do cinema de “Comunidade”. Ficou a recordação dos filmes que vimos e que fazem a memória do cinema.



## FOCH MEDIADORA DE SEGUROS, LDA.



Os melhores seguros. Consulte-nos.

Estrada Nacional, 240 - BAIXA DA BANHEIRA

☎ 212 099 991/2/3

• Rua D. Dinis Ataíde, 20 - ALHOS VEDROS

• Fax: 212 099 990

LAR • SEGURE O SEU LAR • SEGURE O SEU LAR • SEGURE O SEU LAR • SEGURE O SEU LAR • SEGUR

A escola nos nossos dias

## A Educação, a Escola e o 25 de Abril



Joaquim Gonçalves

O Poder Local Democrático, emanação do 25 de Abril, tem centrado os seus esforços, na modernização dos estabelecimentos de ensino até ao 1º Ciclo, competência assumida antes mesmo de ser descentralizada sob o aspecto financeiro. Com ou sem carta educativa municipal, isto é, mesmo antes de ela existir, o Município e as Juntas de Freguesia de forma integrada trataram primeiro de conservar e reforçar o existente e, numa segunda fase, de remodelar e modernizar os equipamentos, construir espaços exteriores de recreio com novas qualidades educativas e construir novas salas de aula, acompanhando sempre a evolução das técnicas de ensino/aprendizagem na dotação às escolas de equipamentos, sempre em diálogo com os professores. O último exemplo foi o projecto de alfabetização informática.

Tratou sempre de ceder terrenos para a construção de escolas do 2º, 3º Ciclos e Secundárias construção da competên-

cia do Poder Central. Nos primeiros anos da revolução de Abril tais processos de construção revelaram-se fáceis, sempre com a luta e o acompanhamento dos Encarregados de Educação, em conjunto com a Câmara Municipal, como foram por exemplo as construções da Escola Secundária da Baixa da Banheira situada no Vale da Amoreira e a substituição da antiga Escola Mouzinho da Silveira pela Escola do 2º e 3º Ciclos D. João I na Baixa da Banheira. Mas com o decorrer dos anos, foram-se tornando cada vez mais difíceis como é exemplo o processo de remodelação da escola Secundária da Moita, que felizmente após muitas pressões de todos: pais, professores, autarquias e principalmente os jovens estudantes, está em fase adiantada de construção.

O que faz e qual a actual política do Poder Central?

O modelo de avaliação de professores imposto pela actual equipa do Ministério de Educação é tão confuso e burocrático que a sua aplicação está a provocar um mal-estar nas escolas, o qual desestabiliza o processo ensino/aprendizagem e prejudica o Sistema Educativo a todos

os níveis.

Outras questões estão também em aberto, tais como a actual estratégia neoliberal na educação e o processo de privatização; a elitização do ensino; uma escola cada vez menos democrática e participativa; a qualidade das formações; as consequências da política de direita no ensino e no desenvolvimento económico e social do país e os custos para as famílias.

Os professores e os seus sindicatos estão lutando pela defesa dum Ensino como um direito inalienável e em igualdade de oportunidades para todas as crianças e jovens, tendo em vista o desenvolvimento harmonioso do nosso país.

A plataforma sindical constituída por todos os sindicatos dos professores, tendo como portavoza a FENPROF, exige a suspensão do actual modelo de avaliação, lutando por uma carreira única, exige o fim do processo que conduz ao poder unipessoal nas escolas, ou seja, pela continuação da gestão democrática nas mesmas.

O modelo de "cotas" que o actual governo lançou para a administração pública faz com

que só uma pequena parte dos trabalhadores chegue ao topo da carreira, num modelo de gestão de pessoal economicista, que ao ser aplicado provoca graves danos aos trabalhadores, o que terá consequências nefastas e graves na qualidade dos serviços prestados às populações. É a continuação do ataque aos serviços públicos, tendo em vista o apetite "dos bons negócios", das privatizações. É no contexto em que a educação assume um novo valor de oportunidades de negócio para o capital, o governo PS encerrou mais de 2 500 escolas do 1º ciclo do Ensino Básico, desenvolveu um processo de privatização indirecta da educação nas chamadas Actividades de Enriquecimento Curricular e desenvolveu recentemente no 1º ciclo o negócio do "computador Magalhães", transformando os professores em seus vendedores junto dos pais e encarregados de educação. É um meio de obter votos. Noutros países, com um sistema de ensino mais desenvolvido, os computadores pertencem à sala de aula e à escola, tal como os livros de apoio também o pertencem.

O ensino deverá ser gratuito,

não é um negócio, o computador "Magalhães" pode parecer barato, mas é mais um peso para as famílias que se junta aos livros e a outros materiais escolares. Cumpra-se a Constituição da República, no ensino deverá haver igualdade de oportunidades.

O Ministério da Educação contraria assim o preceito constitucional, garantir a gratuitidade do ensino obrigatório, os custos com a educação e ensino são cada vez mais elevados, atingindo valores insuportáveis para muitas famílias, com consequência no abandono precoce e também na qualidade das aprendizagens. Os professores, funcionários e estudantes são arredados da gestão e da direcção escolar e a direcção da Escola é centralizada num órgão unipessoal, no director, funcionando como veio de transmissão de orientações superiores e braço administrativo do Governo.

O processo revolucionário a seguir ao 25 de Abril de 1974 trouxe a democratização às escolas, na actualidade tal processo está a ser contrariado pelo Governo do Partido Socialista.

A escola nos nossos dias

## Eu, que professora me confesso



Filomena Ventura

Desde Maio de 2006 todos os sindicatos de professores se mantêm unidos na denominada Plataforma Sindical. São todos os sindicatos independentes, afectos à UGT e à CGTP, unidos durante três anos...

Os livros publicados sobre os assuntos educacionais mencionam três axiomas importantes: as mudanças não se realizam contra as pessoas; o investimento em educação não dá nunca lucros imediatos e os países que poupam em educação, pagam juros altíssimos num futuro próximo.

Sobre o primeiro axioma

relembro-vos que no ano passado, por duas vezes cem mil e cento e vinte mil professores saíram à rua, no espaço de oito meses. Fizeram-no num sábado, sacrificando as suas famílias e não os seus alunos. Será possível que foram todos manipulados como nos tentaram fazer acreditar? Estavam professores contratados no início da sua carreira ao lado de professores no topo da carreira que nunca tinham estado numa manifestação, o que os ligava era a revolta...

Sobre o segundo axioma, precisamos compreender que as escolas não podem, nem nunca poderão ser encaradas como empresas que produzem produtos. Nestes tempos que decorrem, onde a falência das

ideias neoliberais está a decorrer, as escolas não podem ser encaradas como empresas de lucro fácil, mas antes como locais onde se tenta formar pessoas através de conhecimentos que terão que adquirir e de valores que se tentam que perdurem. Nunca porém, no nosso país, se reflectiu que conhecimentos serão precisos no final de vinte anos quando os jovens se apresentarem ao mundo do trabalho.

Sobre o terceiro axioma, os países que poupam em educação, pagam juros altíssimos num futuro próximo. As escolas públicas têm como professores aqueles que obtiveram as notas mais altas nos seus cursos de formação inicial, porque essas são as regras de admissão à profis-

são na administração pública. São aquelas onde, para além do currículo nacional, a sociedade civil acha que se deve ensinar ainda mais este tema para melhorar a sociedade, sem que dê à escola técnicos para ensinar esses temas. Mas, o quotidiano da escola pública é quase como diz a vox populi "fazer omeletas sem ovos"... Na escola pública exige-se que se resolvam situações que não se relacionam com as aprendizagens e onde os encarregados de educação muitas vezes afirmam "não sei o que fazer com o meu filho, faça o professor"...

Quem se esquece destes três princípios, comuns a investigações educacionais nacionais e estrangeiros, pode olhar agora o presente, pode tentar imple-

mentar alterações com pressões publicitárias enormes, mas nunca poderá ver um futuro consistente, como é usual dizer-se agora durável ou sustentável. Porém, não falamos de ambiente, nem de produção de produtos consumíveis, as escolas são pessoas, formam aqueles que, daqui a um par de anos, decidirão sobre as nossas reformas e os nossos quotidianos.

Eu, que professora me confesso, aguardo mais um ministro da educação, destes 28 que já existiram desde Abril! Promete-vos que não abdicarei de uma escola pública para todos, onde os valores da solidariedade, da democracia e do respeito pelos outros existam, sem que nunca deixar de ter a visão do futuro...

A escola nos nossos dias

## Por uma escola pública de qualidade



Joaquim Raminhos

A sociedade influencia a escola e a escola é o reflexo da sociedade onde está inserida. Por isso quando se fala de violência e insegurança nas escolas, este facto não pode ser analisado fora de contexto, temos de ter presente os factores endógenos e exógenos, que confluem para a criação de um determinado ambiente. As escolas não são ilhas, nem estão imunes aos valores, aos modos de vida, à cultura das comunidades de que fazem parte.

Aqui no Concelho da Moita, pelo índice de casos ocorridos, não podemos concluir que nas nossas escolas se viva um clima de insegurança ou de violência. No entanto, regista-se um número crescente de casos de indisciplina, a que não será de certo alheio o clima de tensão que se verifica actualmente na nossa sociedade.

Contudo, existem outros problemas que merecem a nossa atenção, tais como o êxodo crescente de alunos do nosso Concelho para as escolas de Concelhos vizinhos, que num número crescente, ano após ano, ao terminarem o 9º Ano, vão continuar os seus estudos noutras paragens.

Este assunto merece um reflexão séria, a fim de dignificarmos os motivos e agirmos de forma a que os nossos jovens encontrem aqui, as condições e opções de que precisam para concretizarem os seus projectos.

As nossas escolas têm de ser cada vez mais espaços apetecíveis para as nossas crianças e os jovens. Espaços onde haja lugar para a criatividade e onde se fomente o desenvolvimento pleno dos alunos, de modo a serem preparados para a sua inserção na vida em sociedade, como cidadãos participativos e com espírito crítico.

Referindo concretamente a escola como espaço físico, o par que escolar será um campo de

intervenção a que devemos estar atentos. Apesar de nos últimos anos se terem verificado algumas melhorias em edifícios, espaços e equipamentos, ainda existe um défice da rede do Pré-Escolar, face às necessidades da população. Algumas escolas do 1º Ciclo do E. B., não têm ainda as instalações apetrechadas com todos os equipamentos necessários ao conforto e também de aprendizagem. Muitos espaços exteriores não estão adequados

Finalmente vamos ter a nova Escola Secundária da Moita, culminando um processo de anos de reivindicações, lutas e manifestações. Manter os alunos motivados, tem sido um trabalho árduo de professores e pessoal não docente desta escola que, apesar da degradação do espaço físico, conseguiram sempre manter a dignidade da escola.

A outra Escola Secundária, a da Baixa da Banheira, ainda continua sem pavilhão para a prática de Educação Física, cuja situação se verifica desde a sua fundação, que ocorreu há cerca

de 30 anos, apesar das sucessivas promessas.

Quanto ao posicionamento das Escolas do Concelho, relativamente aos "Rankings" das Escolas de acordo com os resultados obtidos no exame do 12º ano, situamo-nos numa posição intermédia a nível nacional. No entanto, considero que esses resultados nada traduzem, para uma avaliação séria do trabalho que ocorre nas nossas escolas. Estes Rankings, que são muito divulgados nos Órgãos da Comunicação Social, distorcem a realidade se não forem contextualizados e ocultam outros factores que devem estar presentes numa análise sociológica da educação.

Por vezes, estes dados são utilizados para se fazerem comparações abusivas entre estabelecimentos de ensino, aproveitando-se para se fazer uma ataque à Escola Pública, sem se ter em conta as realidades sócio-culturais dos alunos de cada comunidade escolar.

Relativamente ao clima vivido nas nossas escolas, relacionado

com a Avaliação do Desempenho dos Professores, são notórios os efeitos da crispação, da desmotivação e alteração nas relações interpessoais.

Apesar de estarmos perante um tema bastante complexo, os professores já demonstraram e afirmaram que não está em causa o facto de serem avaliados, mas o que questionam é o modelo, que pretendem que seja justo, claro e desburocratizado.

Um processo de avaliação não pode ser implementado contra os professores, pelo contrário, deve receber os diversos contributos, devendo ser contextualizados no processo de avaliação das próprias escolas.

Se formos neste sentido, estaremos em presença de uma Avaliação do Desempenho Docente tendo como fundamento a componente pedagógica, que permita para uma alteração de práticas, uma mudança de atitudes e uma melhoria do desempenho, de forma a contribuir para o sucesso escolar dos alunos.

A escola nos nossos dias

## Tempos de crise na escola pública



Fernanda Velez

Quando há quatro anos atrás, o Partido Socialista, liderado por José Sócrates, ganhou as eleições, prometeu, na área da Educação, "superar o atraso educativo português face aos padrões europeus".

Decorridos quatro anos importa reflectir sobre o que realmente aconteceu, e por isso, são pertinentes as seguintes interrogações:

- Será que temos hoje uma escola melhor do que há 4 anos?

- Será que os jovens saem da escola melhor preparados para enfrentar os desafios do ensino superior ou do mercado de trabalho?

- Será que hoje a escola é um local mais seguro e mais adequado à formação das crianças e jovens?

- Será que hoje confiamos

mais na escola do que há 4 anos atrás?

Infelizmente, até para os menos atentos, a resposta a todas estas questões é... NÃO!

A verdade é que hoje, em vez de melhoria da qualidade, temos degradação das condições de ensino; em vez da necessária exigência temos facilitismo, apenas para atingir determinados resultados estatísticos; em vez de mais confiança na escola pública, temos um maior fosso entre o ensino público e o ensino privado.

Na realidade, a actuação do governo de José Sócrates fica marcada por:

- Uma obsessão pela propaganda, que levou o Governo a usar, despudoradamente, a escola e os alunos para as suas acções eleitoralistas. As distribuições dos computadores Magalhães foram um exemplo flagrante. A TV filmou e, logo de seguida, recolheram-se os computadores para serem usados na cerimónia seguinte, pois ainda

não estavam no mercado em número suficiente;

- Um clima de intimidação e conflitualidade permanente, com uma atitude agressiva, de confronto e de hostilidade da parte do Governo, em que a perseguição e a ameaça foram permanentes perante quem ousasse criticar o Governo ou divergir da linha oficial. (o professor da DREN foi reencaminhado para a sua escola, com horário zero, por ter contado uma anedota sobre José Sócrates);

- Uma política facilitista, que fomenta o absentismo e não promove o mérito, e cujo objectivo é apresentar taxas de sucesso, mesmo que os alunos desconheçam as matérias e falem às aulas.

Todos os portugueses sabem que este Governo quis dividir para reinar.

Apostou tudo num ataque cerrado aos professores, na ofensa à sua dignidade profissional, na confusão e na guerrilha per-

manente. Tal, naturalmente, só poderia dar mau resultado. A desmotivação dos professores cresceu exponencialmente, bem como o seu desprestígio social e, principalmente, a sua perda de autoridade nas escolas e na sala de aula. Por isso, não é de estranhar que os professores mais qualificados e mais experientes peçam a sua reforma antecipada, com perda de rendimento, porque preferem, segundo os próprios, fugir ao "inferno" em que se transformou a escola - os professores gastam grande parte do seu tempo a preencher papelada, a preparar a sua avaliação e outros processos burocráticos, ao invés de se dedicarem aos seus alunos.

O novo modelo de avaliação dos professores, delineado com o objectivo único de estagnar a carreira profissional de grande parte dos docentes, veio infernizar a vida dos professores e retirar-lhes tempo e energia imprescindíveis à preparação

das suas aulas e ao estabelecimento de uma verdadeira relação pedagógica.

Mas, é preciso que fique bem claro que o princípio - avaliação dos docentes - é inquestionável e nenhum professor responsável o põe em causa. O problema reside na forma desastrada e prepotente com que, à pressa, o Ministério da Educação decidiu implementá-lo.

Vivemos, de facto, tempos de crise na escola pública! As escolas não podem continuar a viver um tempo de correria estonteante, de indefinição e de impotência, sob pena de assistirmos à agonia do nosso sistema educativo. As escolas precisam de condições materiais e humanas necessárias ao cumprimento dos seus objectivos; os alunos têm direito a um ensino de qualidade e os professores precisam de tempo para exercerem essa tarefa tão árdua mas, simultaneamente, tão nobre e gratificante, que é ser PROFESSOR.

## História Local

# Quebra da Carta de Vizinhança entre Alhos Vedros e Barreiro em 1686



António G. Ventura

Numa sociedade profundamente religiosa, compreende-se que os assuntos de natureza espiritual merecessem uma atenção especial. Alhos Vedros reclamava um estatuto especial, que tinha raízes ancestrais, relativamente às povoações vizinhas que do seu espaço emergiram, mesmo depois das respectivas separações administrativas, particularmente no que respeita à festa do Corpo de Deus e do Domingo de Ramos. Por volta dos meses de Abril ou Maio, procedia-se à eleição dos mordomos para a referida festa, cuja composição procurava contemplar elementos de todas as povoações do concelho, para além da própria vila.

Contudo, apesar da religiosidade e da responsabilidade dos fregueses do termo na participação em tão solene acto, o senado queixa-se de "(...) ser notório o escândalo e grande falta que houve nos moradores desse termo em não virem à procissão de dia de Corpo de Deus deste presente ano, houveram por condenados os que faltaram em cem réis da uma a metade desta condenação para a confraria do Santíssimo Sacramento, e a outra metade para o concerto do sírio de Nossa Senhora dos Anjos (...)".

Este conflito não se restrin-

giu apenas às povoações do termo. Em 6 de Abril de 1686 o senado da Câmara de Alhos Vedros decide quebrar as relações de boa vizinhança com o concelho do Barreiro, não só por não estar a cumprir a tradição no que respeita à sua participação na festa do Domingo de Ramos com as respectivas "choramelas", mas também pela forma como os oficiais da Câmara vizinha se dirigiram ao senado de Alhos Vedros, dizendo "(...) que nunca foi nem achamos ser contrato nem obrigação mais que uma simples devoção, que os vizinhos desta vila tinham a Nossa Senhora dos Anjos (...) que os moradores desta vila sejam obrigados a dar ou mandar a essa uma dança para a procissão de Corpus Christi, não sabemos que houvesse nunca tal devoção ou obrigação, nem vossas mercês o poderão mostrar, porque no tempo que nesta vila governavam os infantes nunca tal sonharam, nem desta vila lhe foi, e menos irá agora, porque depois que o Sr. Rei Dom Manuel, que santa glória haja, a desanexou dessa, dela fez mercê ao Sr. D. Jorge, Duque de Coimbra e de Santiago e de Avis (...)".

A reacção do senado da Câmara de Alhos Vedros não se fez esperar. Sentindo-se insultado com o conteúdo e forma da carta dos oficiais da Câmara do Barreiro, cujo traslado está inserto em acta da reunião de Câmara acima referida, respondeu de

forma severa, cortando as relações de boa vizinhança entre os dois concelhos, e estabelecendo pesadas penas para quem as violasse, ou conhecedoras, não as denunciasses, como consta na postura que se segue, a qual, pela sua importância, considerámos oportuno intercalar neste texto:

(...)

"E logo na dita Câmara e vereação, assentaram e concordaram os ditos oficiais e procurador do concelho, que vista a resposta da carta atrás escrita dos oficiais da Câmara da vila do Barreiro não quererem cumprir com suas obrigações como consta o faziam pelos termos que estão feitos nesta Câmara, e se mostrarem rebeldes, houveram por quebrada a Carta de Vizinhança, visto não mandarem choramelas nem sírio, nem fogaças, nem a Cruz à procissão de Ramos como eram obrigados a esta (...) vila em antiquíssima posse de assim o fazerem, assim acordaram e fizeram postura, que todo o carreteiro ou carreiro desta vila e seu termo que levar rama de pinho, tojo, marvalhas, ou tranca à dita vila, pague de coima seis mil réis pagos da cadeia, e a mesma pena terão os mateiros que a cortarem, e todo o gado vacum que for da dita vila achado no termo desta vila, pagará de coima cada um mil réis, e o gado miúdo cinquenta réis por cada uma cabeça, cada cavalo nos baldios pagará de coima quinhentos réis, e no tempo

proibido pelas posturas desta Câmara mil réis, e todo o morador da dita vila, assim homens como mulheres, rapazes que forem achados com lenha e tojo, ou outro qualquer género de mato no termo desta vila, pagará de coima mil réis, tudo pago da cadeia, e sendo pinheiros pelo pé, dois mil réis, e toda a pessoa desta vila e seu termo que vir as tais pessoas da vila do Barreiro e não der parte logo às justiças desta vila e juízes das vintenas dos lugares para que os prendam e os tragam à cadeia, pagarão a pena que elas merecerem, e dando em que forem condenadas, e mandaram fosse apregoada esta postura pelo porteiro deste conselho Miguel Gonçalves, e que todos os carreteiros desta vila e seu termo os notificasse na forma desta postura para que viesse à notícia de todos, para que a nenhum tempo possam alegar ignorância, e para de tudo constar, mandaram fazer este termo de postura em que assinaram, e eu Inácio Lameiros, que o escrevi".

Seguem-se as assinaturas.

Não temos conhecimento que conflitos desta dimensão tenham ocorrido relativamente aos outros concelhos que confinavam com Alhos Vedros, nomeadamente o Lavradio e a Moita, no período por nós estudado. Pelo contrário, na investigação por nós realizada sobre a gestão municipal do concelho da Moita, como podemos exemplificar pela reunião da-

tada de 29 de Março de 1700, um cuidado especial por parte dos oficiais da Câmara em respeitar uma ordem que estava no livro da Câmara desta vila, segundo a qual deveriam nomear todos os anos pessoas para assistir "(...) conforme a dita provisão, e logo nomearam para as choramelas a Simão Machado, moleiro do moinho novo, e a João Gonçalves, filho de Maria Gonçalves, de Sarilhos, e a Manuel de Almeida, sapateiro do dito lugar, e para o cargo de fogaças António Gomes Pen-teado e Manuel de Oliveira e a João Francisco, tendeiro, os quais mandaram logo notificar para que Domingos de Ramos estivessem em a vila de Alhos Vedros com as choramelas e cargo de fogaças, com pena que faltando algum deles pagar quatro mil réis para a dita Senhora dos Anjos (...)".

Portanto, parece certo que a elevação do Barreiro, Lavradio e Moita à condição de vilas e concelhos, não quebrou o vínculo ancestral, uma espécie de cordão umbilical, para com a Senhora dos Anjos, ao contrário dos argumentos apresentados pela Câmara do Barreiro. De resto, depois de lhe terem extraído a grande parte do seu território e, com ele, a sua sobrevivência, Alhos Vedros sentia-se na contingência de não abdicar da sua autoridade para com os concelhos seus descendentes, no que concerne ao seu património religioso.

[www.orio.pt](http://www.orio.pt)

ORIO.Pt na Internet. As notícias diárias da região estão *on line*

## TIPOGRAFIA DO BAIRRO, LDA.



Tipografia \* Offset \* Encadernação  
Desenho \* Gravuras \* Carimbos

Rua de Angola - Brejos Faria - ALHOS VEDROS - Tel. e Fax: 212 043 810



## AUTO ESPERANÇA DE ALHOS VEDROS

Oficina:  
Urb. Vila Rosa, Lt 1,  
Bairro Gouveia  
Alhos Vedros  
Tel.: 212 052 992

Stand de Vendas:  
Rua S. Francisco de Assis,  
15A - Baixa da Banheira  
Tel.: 212 044 799



COMÉRCIO  
E  
REPARAÇÃO  
DE  
AUTOMÓVEIS

Mecânica - Pintura - Bate-chapa - Reboque



Uma Jornada de Abril

## Encontro de Comissões e Associações de Moradores

O “Encontro das Comissões e Associações de Moradores”, organizado pela Junta de Freguesia da Moita, no dia 28 de Março, na sede da Associação de Moradores do Bairro Novo, no Pinhal da Areia foi uma jornada de efectiva cidadania e participação dentro do espírito do 25 de Abril.

Ao Encontro seguiu-se um almoço, na sede do Clube Recreativo do Penteadado, que decorreu em franco convívio, animado por um espectáculo de música popular com o Grupo “Dialecto”.

A Mesa do Encontro, dirigida por João Miguel, estava constituída por: Murilhas, da Comissão de Moradores do Bairro da Caixa; Ana Santos, dirigente do Clube Desportivo do Penteadado; Leonel Boteta e José Mendes, da Associação do Carvalhinho; João Pires, da Associação do Bairro Novo; João Lobo, presidente da Câmara Municipal da Moita; João Faim, presidente da Junta de Freguesia da Moita; António Mestre, orador convidado; Miguel Canudo, vereador da Câmara Municipal da Moita; Joaquim Cabrita, da Comissão de Moradores do Penteadado Sul; Ana Rosa Jardim, presidente da Assembleia de Freguesia da Moita; e João Lavado, da Associação Envolvente à Praça de Touros da Moita.

### SESSÃO DE ABERTURA

Na sessão de abertura, João Miguel, tesoureiro da Junta de Freguesia da Moita, salientou que “este Encontro é o resultado da interligação e do relacionamento entre as Comissões e Associações de Moradores e as Autarquias Locais, que tem permitido conhecer melhor a realidade de cada Bairro e resolver muitos dos problemas concretos da freguesia. Sobretudo é um exercício pleno de participação, cidadania e democracia das populações”.

O presidente da Junta de Freguesia da Moita, numa referência ao 25 de Abril de 1974, recordou o período que se lhe seguiu, de ruptura com a ditadura, com a nomeação, em assembleias populares, das Comissões Administrativas das Câmaras Municipais, a criação de Comissões de Moradores nas diversas localidades e a mobilização popular em inúmeras jor-

nadas de trabalho voluntário. A Constituição da República de 1976 foi fortemente influenciada pôe este impulso revolucionário, tendo como características importantes: a consagração da autonomia do poder local, a ampla participação nos órgãos, a existência de Conselhos Municipais de Cidadãos, e a possibilidade de delegação de competências nas Comissões e Associações de Moradores. Deste modo, sendo as Comissões e Associações de Moradores organismos populares de base, estão vocacionadas para a defesa e reivindicação do bem-estar das populações, sob a consagração da lei fundamental do país.

Neste 35 anos de democracia – prosseguiu João Faim – é de enaltecer a experiência e os contributos destes organismos populares, na Moita e um pouco por todo o País, na melhoria da qualidade de vida das populações, principalmente ao nível sócio-recreativo e das infraestruturas básicas dos aglomerados. O efectivo exercício de cidadania e participação das populações contribuiu para a consolidação dos ideais da Revolução dos Cravos. “Prendemos que este seja um momento de elevação democrática, dentro do respeito mútuo pelas diferentes opiniões e pontos de vista, como é apanágio destas instituições. Sentimos que estes momentos são exercícios importantes de democracia participativa e um meio de enriquecimento da própria democracia e da ideia da política na sua dimensão mais nobre”, concluiu, com o desejo de que “permaneça sempre o espírito de Abril na nossa terra”.

Por sua vez, o presidente da Câmara Municipal da Moita considerou este Encontro uma boa



iniciativa, que perspectiva uma oportunidade singular para se conhecer e debater o papel que tiveram, o que são hoje e qual o âmbito de intervenção futura destas organizações de base popular.

João Lobo, referindo o quadro histórico, social e político em que as Comissões e Associações de Moradores surgiram, disse que elas têm assumido uma trajectória que as tem potenciado como importantes pólos de integração social e agentes de mediação entre as populações e as autarquias. À semelhança do Movimento Associativo, protagonizado pelas colectividades e clubes, as Comissões e Associações de Moradores têm por objectivo a união das populações de determinada área geográfica em torno da resolução concreta de problemas e necessidades. E sendo uma forma de poder de carácter popular, associativo e social, desempenham ao longo dos últimos 35 anos um papel determinante na conquista de melhorias para as suas comunidades, em estreita colaboração com o Poder Local autárquico.

Sem pretender antecipar o tema do 2º painel, o presidente da Câmara referiu ainda que o futuro da Comissões e Associações de Moradores, “apesar de todas as dificuldades, deverá passar pelo reforço da sua acção e intervenção em conjunto com

as autarquias locais, porque estamos certos que o trabalho colectivo é o que garante uma maior eficácia e eficiência de conseguirmos mais e melhor qualidade de vida para as nossas populações

### DOIS PAINÉIS DE INTERVENÇÃO E DEBATE

O Encontro assentou em dois painéis: A Origem e Historial do Trabalho Desenvolvido pelas Comissões e Associações de Moradores; e Presente e Futuro das Comissões e Associações de Moradores. O primeiro com as intervenções das Comissões e Associações de Moradores, e o segundo com o debate dos moradores e convidados.

No **Painel 1** intervieram os representantes das cinco Comissões e Associações de Moradores participantes que fizeram o historial das suas associações e o balanço do que foi feito e falta fazer nas suas localidades. Muitos foram os exemplos dados do trabalho realizado em prol das populações, desde as infraestruturas de água e saneamento básico, electrificação, arranjos de passeios, caminhos e estradas, tratamento de logradouros e jardins infantis e tantos outros, até às realizações culturais, desportivas e festivas que estas associações realizam durante o ano e durante anos sucessivos (ver caixa).

No **Painel 2** o debate estendeu-se a todos os presentes, com algumas intervenções que foram autênticos testemunhos da importância do trabalho desenvolvido pelas Comissões e Associações de Moradores, durante estes 35 anos de democracia, no espírito do 25 de Abril (ver caixa).

### FALAR DE ASSOCIATIVISMO

O orador convidado, António Mestre é Coordenador da Área Associativa, na Câmara Municipal de Palmela e também é autarca na Junta de Freguesia da Quinta do Anjo, com o cargo de secretário. Falou de associativismo, acentuando que “o que foi dito é suficiente para termos consciência do presente do associativismo”. Destacou o “notável trabalho de parceria, voluntário e abnegado, que as Associações de Moradores fazem para ajudar a cumprir aquilo que é o trabalho de qualquer autarca, promover o desenvolvimento das suas comunidades”.

António Mestre deu conta da sua experiência no concelho de Palmela, referindo casos concretos do trabalho empenhado das Associações, facilitando muito a resolução de problemas, algumas delas, em novas zonas urbanas, são mesmo associações de desenvolvimento local e outras são associações culturais e recreativas dos moradores, assu-

## da Freguesia da Moita' 2009

minho as novas exigências do novo território, constatando que as novas necessidades começam a atrair novas pessoas e mais novas a trabalhar. "É esta superação das necessidades que começa a caracterizar e vai ser o futuro das associações de moradores", apontou.

### SESSÃO DE ENCERRAMENTO

A encerrar, o vereador municipal Miguel Canudo salientou o facto das associações de moradores continuarem a dar vida a uma forma de organização popular que "foi uma das mais fortes expressões de generosidade, participação e dedicação aos interesses populares da revolução de Abril e dos anos que se lhe seguiram".

Depois de referir alguns casos concretos, particularmente no Penteadado em que o saneamento básico, com obras já iniciadas, é ainda uma carência, o vereador realçou o exemplo de dedicação, de participação, de interesse pelo que é comum a todos, e de vontade de conquistar avanços e progressos que, a esta escala, dão os membros destas comissões de moradores da freguesia da Moita, vale como sinal para o que muito precisamos no conjunto do país: persistência, dedicação, generosidade, convicções, defesa do interesse público sobre a ganância e rapina por parte dos po-

derosos, prioridade à melhoria das condições de vida do povo, fortalecimento da esperança e da vontade de mudança", vin- cou.

A finalizar, João Faim, num breve balanço dos trabalhos considerou-o bastante positivo. "Julgo que ganhámos todos grande envolvimento e conhecimento e, por que não dizê-lo, fizemos um pouco de história local, da nossa terra", reconhece.

O presidente considerou que a Junta de Freguesia tem um papel determinante no apoio às Comissões e Associações de Moradores, encarando-as como parceiros efectivos para o exercício da cidadania e para a melhoria das condições locais e do bem-estar das populações. Igualmente, "julgo, as comissões e associações de moradores devem ser encaradas como agências de desenvolvimento local, na perspectiva de serem um factor estratégico de desenvolvimento das suas comunidades, sendo que o futuro destes organismos passará também por aqui".

João Faim sublinhou ainda o carácter institucional e legal que têm as associações de moradores, bem como o reconhecimento que a Constituição da República ainda lhes faz, ao contrário de algumas políticas que, ao longo dos anos, têm tentado reduzir e coarctar a participação destas organizações populares de base

e o afastamento das próprias populações da vida autárquica. "Pela nossa parte, tudo faremos para incentivar a participação das populações, também nesta forma organizada que são as Comissões e Associações de Moradores, importantes parceiros do Poder Local democrático", afirmou.

Por parte da Junta de Freguesia, João Faim garantiu todo o apoio no envolvimento e no reconhecimento do trabalho das Comissões e Associações de Moradores da Freguesia, considerando-as, em igualdade, como parceiros efectivos e elementos fundamentais do Poder Local democrático.

O presidente da Junta deixou ainda uma nota sobre a necessidade do envolvimento da juventude, a participação activa dos jovens, neste trabalho associativo, que foi, aliás, uma referência colocada durante o debate, como garante da continuidade e do trabalho futuro.

### TARDE DE CONVÍVIO

O almoço foi servido no salão do Clube Recreativo do Penteadado, com a participação de muitos membros das Comissões e Associações de Moradores da Freguesia da Moita e convidados. No final desta jornada de convívio houve um espectáculo de música popular com o Grupo Dialecto, do Pinhal Novo.

### PAINEL 1

## Resumo das intervenções das Associações de Moradores

**A "Origem e História do Trabalho Desenvolvido pelas Comissões e Associações de Moradores" foi o tema do 1º Painel, para a intervenção das Comissões e Associações de Moradores.**

A primeira interveniente foi **Ana Santos**, dirigente do Clube Recreativo do Penteadado, que agradeceu à Junta de Freguesia e à Câmara Municipal o apoio que dão às Associações de Moradores e ao Associativismo em geral. A jovem dirigente enalteceu as pessoas que continuam a dedicar o seu tempo livre a esta luta associativa em prol das populações que representam, apelando aos jovens para se dedicarem também a estas causas.

**José Mendes**, da Associação de Moradores do Carvalhinho, lembrou algumas reivindicações feitas antes do 25 de Abril, entre as quais o Apeadeiro do Penteadado, a Estrada dos Brejos, luz eléctrica e água, todos eles concretizados antes de 1974.

A Comissão de Moradores, constituída em Outubro de 1974, conseguiu a construção de ramais de água e electricidade; o fornecimento de água em todos os bairros; montagem de candeeiros de iluminação pública; arranjo de caminhos, ruas, largos e estradas; pavimentação e asfaltamento de ruas. Em falta está ainda a construção de passeios na estrada da Mãe d'Água, as passeadeiras junto à rotunda do Carvalhinho.

Esta Associação de Moradores tem efectuado também festas culturais, desportivas e sociais e de comemoração do 25 de Abril, no Carvalhinho.

A realização destas obras e acções só foi possível com o apoio logístico, técnico e financeiro das autarquias, "sem este apoio pouco teríamos feito", reconhece José Mendes.

**Joaquim Cabrita** historiou o processo de formação da Comissão de Moradores do Penteadado, que inicialmente integrava toda a zona do Penteadado.

Logo a seguir ao 25 de Abril, a primeira reivindicação foi a electrificação, seguiu-se a distribuição do correio ao domicílio, construção do depósito e da rede de água, aquisição do parque infantil, a passagem de autocarros pelo Penteadado, construção do saneamento em três bairros (ainda falta em 4 bairros).

A Comissão de Moradores do Penteadado-Sul apresenta as seguintes reivindicações: um passeio pedonal ao longo da Estrada 533-1; construção de uma Escola Básica com Infantil; cedência de um terreno municipal para construção de uma Capela, com morgue; arranjo e novos brinquedos no parque infantil do Penteadado.

**João Pires**, presidente da Associação de Moradores do Bairro Novo, explicou o processo de formação da Comissão de Moradores e da sua posterior transformação e Associação; e destacou o trabalho desenvolvido por algumas pessoas em prol do bairro e da sua população.

Entre as obras conseguidas pela Associação de Moradores contam-se as redes de abastecimento de água, de energia eléctrica e saneamento básico; as ruas do bairro estão todas asfaltadas; a Associação de Moradores construiu a sua sede social, com condições para a realização de actividades culturais, recreativas e desportivas.

**Murilhas**, da Comissão do Bairro da Caixa, na vila da Moita, lembrou que a Comissão que representa é uma das mais antigas da freguesia, tendo-se constituído logo a seguir ao 25 de Abril. Esteve suspensa durante uns anos, mas, devido às carências existentes no bairro, retomou a actividade há cerca de cinco anos.

Pela acção reivindicativa da Comissão de Moradores, o Bairro da Caixa tem um parque infantil e têm sido feitos alguns melhoramentos. Espera que a série de reivindicações apresentadas há quatro anos, sejam concretizadas, uma vez que acredita nas pessoas

(Continua na página 20)



# Governo Civil do Distrito de Setúbal continua a apostar na segurança rodoviária, protecção civil e segurança pública

J. BA

A Governadora Civil de Setúbal, Eurídice Pereira, deu este mês uma conferência de imprensa, no decorrer de um Almoço, na capital do distrito. Em conversa amena com os jornalistas, a Governadora Civil fez um balanço à sua actividade em 2008 e apresentou o plano de actividades para 2009, que passam por intensificar a actuação nas áreas da segurança rodoviária, protecção civil e segurança pública.

Segundo a Governadora Civil, o *leitmotiv* para a acção, em 2008, foi o de apostar em iniciativas próprias, conjugadas com parcerias com instituições diversas. Em relação ao plano de actividades de 2009 utilizou a metodologia da gestão por objectivos, numa perspectiva de organização em cascata, com objectivos mais específicos. Procurando dar ao cargo que exerce uma nova atitude, escolheu o empreendedorismo e a pró-actividade para o conseguir. Eurídice Pereira manifesta às cidadãs e aos cidadãos do distrito a sua disponibilidade e a vontade de receber os seus contributos para melhorar continuamente a sua prestação.

Neste primeiro ano de exercício das suas funções, a Governadora Civil apostou muito na segurança rodoviária que vítima e incapacita anualmente muitos cidadãos, realizando várias acções de sensibilização junto dos condutores, e com a realização do Fórum Distrital de Segurança Rodoviária. A protecção civil foi o primeiro grande embate que Eurídice Pereira enfrentou com a explosão de gás num prédio em Setúbal, que exigiu muito acompanhamento e disponibilidade. Muitas foram as acções que o Governo Civil reali-



zou, porém, o documento, sucinto, não traduz na totalidade o que foi feito durante o ano de 2008, o balanço oficial será feito acção a acção e traduzirá então tudo o que foi realizado e será avaliado pelas instâncias superiores.

Para 2009 o Plano de Actividades está definido em 7 objectivos: I – Representação do Governo; II – Reforço da Aproximação entre o Cidadão e a Administração com Racionalização de Meios; III – Assegurar a Manutenção ou Reposição da Ordem, Segurança e Tranquilidade Públicas, através do Recurso às Entidades Competentes; IV – Prevenir a Ocorrência de

Catástrofes e Minimizar Consequências; V – Induzir a Cidadania Rodoviária; VI – Cooperar na Imagem do Distrito; VII – Processos Eleitorais. Cada um destes 7 objectivos, por sua vez, dá origem a objectivos específicos mais concretos, com acções e projectos a desenvolver. Estes objectivos estão contidos na brochura que foi distribuída.

No concreto, a título de exemplo, no Objectivo I, vai realizar-se, em Maio, a Festa da Escola Aberta, já foram recebidos 23 trabalhos, envolvendo 18 Escolas, mais a AP-PACDM e duas CERCI's. O Dia Nacional do Consumidor foi assinalado com uma brochura e um

roadshow que prestou informações aos cidadãos. O Dia da Europa será distinguido com também com um roadshow sobre a abstenção, uma vez que este ano haverá três actos eleitorais. Vão também ser realizados dois seminários sobre temáticas europeias, com acções em escolas, de 4 a 9 de Maio. Haverá um exercício internacional sobre sismos. O Dia da Memória será assinalado em memória das vítimas de acidentes rodoviários. Em relação aos outros objectivos, muitas outras acções constam no Plano de Actividades de 2009, todas elas serão disponibilizadas no site do Governo Civil <[www.gov-civil-setubal.pt](http://www.gov-civil-setubal.pt)>.

## Maré Alta

O Jornal *O RIO* em formato papel voltar a sair, com um número especial. É um sinal de Vida.

A abertura da Casa Amarela, sede da Escola Aberta Agostinho da Silva, por iniciativa da Cooperativa de Animação Cultural de Alhos Vedros (CACAV). É mais um pólo de cultura que se saúda.

A instalação de um posto da PSP na Baixa da Banheira, uma vila inteiramente urbana, a justificar-se plenamente. Embora a polícia pouco se veja na rua.

A iniciática camarária de expor publicamente a obra feita "35 Anos ... 35 Conquistas".

A instalação de um posto da PSP na Baixa da Banheira, uma vila inteiramente urbana, a justificar-se plenamente. Embora a polícia pouco se veja na rua.

## Maré Baixa

35 anos depois do 25 de Abril, a Junta de Freguesia da Moita continua a funcionar e a atender o público num 1º andar, de escada apertada e de difícil acesso. Esta situação não é comum às outras freguesias do concelho e até à grande maioria das Juntas do País, o que se lamenta.

Em dias de chuva ou de muito Sol é notória a falta de um abrigo ou um telheiro (adequado ao local), junto da Casa Mortuária da Baixa da Banheira, que é exigua. Neste caso a Paróquia e a Câmara Municipal deveriam entender-se.

O lago na parte norte do parque José Afonso, na Baixa da Banheira, está a precisar de limpeza. Com o aproximar do Verão não se justifica tamanha incuria.

O evidente atraso das obras da REFER no concelho da Moita.

## Painel 1 - Intervenção

(Continuação da página 19)  
responsáveis pela sua execução. O arranjo do Largo dos Lusíadas é uma dessas reivindicações.

Sobre a inclusão de jovens nas comissões, Murilhas disse que é preciso criar as condições para isso, no caso do seu bairro fazem falta instalações para a Comissão de Moradores.

Ana Rosa Jardim, presidente da Assembleia de Freguesia da Moita, disse a *O RIO*: "O traba-

lho das Comissões e Associações de Moradores, pela proximidade que estas têm junto das populações e pelo esforço que fazem em reivindicar a satisfação das necessidades das populações, é um trabalho muito meritório e deve ser sempre apoiado. Este Encontro ajudamos a reflectir e a perceber ainda mais essa importância. Por isso, eu lhes dou um bem hajam e que continuem com esse trabalho".



[www.orio.pt](http://www.orio.pt)

**ORIO.Pt** na Internet.  
As notícias diárias da região estão *on line*

“Velhinha” é a mais antiga colectividade do concelho da Moita

## Sem mais dinheiro o Carnaval de Alhos Vedros não pode ser maior

J. BA

**A Sociedade Filarmónica Recreio União Alhosvedrense (SFRUA) ou a “Velhinha”, como carinhosamente é tratada, por ser a colectividade mais antiga do concelho da Moita, completa este ano 140 anos de existência, é uma casa onde fervilha muita actividade desportiva, cultural e recreativa.**

**A “Velhinha” é uma colectividade com muito movimento. Tem actividades desportivas: ginástica de competição, aeróbica e de manutenção; badminton; patinagem artística; jumba; pilates. O teatro e o grupo coral constituem a parte cultural. No recreio há o carnaval, as marchas populares e a escola de samba. O bar é o ponto de encontro e de convívio dos associados, complementado pela cave onde há jogos de divertimento.**

*O RIO* foi a Alhos Vedros entrevistar o seu presidente da direcção. Cândido Hermenegildo Carreira Dias Pereira, 50 anos, natural e residente em Alhos Vedros, é empresário. Segue-se a entrevista:

**Daqui a quatro meses a “Velhinha” comemora 140 anos de vida, uma idade considerável. Que têm em preparação para essa comemoração?**

Como sempre fazemos, damos algum movimento e animação à colectividade, com algumas actividades populares de convívio e musicais. O ano passado, tocámos o hino da “Velhinha”, com o içar da bandeira, o que não se fazia já há muitos anos. Depois de uma pesquisa, conseguimos arranjar a pauta do

hino, a Banda Musical do Rosário musicou-a e, durante as festas de Alhos Vedros, tocou o hino no hastear da bandeira, frente à colectividade. Este ano, esperamos repetir este acontecimento.

A Sessão Solene é outra cerimónia que costumamos fazer todos os anos.

**A “Velhinha” é a colectividade mais antiga do concelho da Moita. Continua a ser uma referência, quer ao nível da sua função social, no que se refere à dinamização da cultura e do desporto quer em termos do discurso associativo, porque foi também o berço do associativismo. Neste momento difícil, que propostas podemos esperar da “Velhinha” para renovar e relançar o associativismo local?**

Em termos associativismo está a ser muito difícil o voluntariado, as pessoas não se interessam tanto por trabalhar desinteressadamente nas colectividades, porque hoje há outros apelos. No caso da SFRUA verificamos isso, é uma casa com muitos jovens a praticar as actividades, mas, aos mais velhos, quando se põe para integrarem os corpos sociais ou colaborar numa secção não querem, preferem as discotecas e fazer outras coisas e mostram-se indisponíveis para o associativismo. Isto é também uma questão da sociedade, as pessoas pensam mais no eu do que nos outros. No entanto, para certos eventos ocasionais, de duração limitada, as pessoas até aparecem e dão uma boa ajuda.

Sobre a liderança, eu não falarei em liderança, mas temos feito algumas parcerias com outras colectividades e associações de Alhos Vedros, conjugando as nossas actividades com as deles. Mas as ideias e o discurso para o movimento associativo alguém tem de lançar a primeira pedra, não é nossa obrigação fazer isso. Se houver interesse nisso nós também colaboraremos.

**Esta é a maior colectividade do concelho, com inúmeras actividades e atletas. Parte das actividades são comparticipadas pelos atletas. Tem sentido algumas dificuldades em termos de mensalidades, devido à crise? Como têm lidado com a situação?**

A crise chega a todo lado. Nós aqui na colectividade temos actividades que são cobradas mensalmente e outras são anuais, o



Cândido Pereira

caso da ginástica, por exemplo. Normalmente, sentimos alguma dificuldade no início das actividades, em Setembro, porque é uma altura que coincide com as despesas dos materiais escolares, mas nas restantes mensalidades não há problemas de maior.

**De que modo é que a crise se tem reflectido nos apoios financeiros e logísticos, que habitualmente recebiam, tanto das autarquias como das empresas e comércio?**

Em relação às empresas, neste momento não temos actividades subsidiadas, antes tínhamos alguns apoios esporádicos. Relativamente às autarquias, há dois anos, os subsídios às colectividades foram cortados em 50 por cento. Nós temos protocolos com o coro, mas as comparticipações da Câmara e da Junta não perfazem o valor que o maestro auferia. A nível das outras modalidades, o corte de 50% teve evidentes reflexos. Diga-se, em abono da verdade, que os subsídios da Junta de Freguesia não sofreram cortes.

**O Carnaval de Alhos Vedros é a iniciativa cultural mais envolvente na freguesia e a que tem mais impacto no exterior. No entanto, colocamos a seguinte questão: o que falta para que o Carnaval e o Curso de Alhos Vedros adquiram uma dimensão mediática e nível nacional?**

Bem, eu vou mais longe e historio a situação. O nosso Carnaval é feito por pessoas que trabalham graciosamente, em trabalho voluntário, ao contrário de muitos outros Carnavais que conhecemos e sabemos como é que eles trabalham, os seus orçamentos não têm nada a ver com

os nossos, por exemplo, o Carnaval de Estarreja é dez vezes superior ao da “Velhinha”, as custeiras são todas pagas e os participantes também recebem uma dádiva. Lá o Carnaval é feito por duas escolas de samba, com cerca de 100 a 120 participantes, a quem a Câmara de Estarreja dá 95 euros a cada um e dá mais 1.500 euros para cada carro, ou seja dá quase o mesmo para 100 participantes do que a Câmara da Moita nos dá para 500 participantes. São apoios que não têm nada a ver com os nossos, embora reconheçamos a diferente projecção de ambos os Carnavais. Aqui mais perto, Loures e Sesimbra, os valores aproximam-se aos de Estarreja.

Para o Carnaval de Alhos Vedros crescer o que faz falta é dinheiro. Porque se aumentarmos o número de carros no corso, teremos que ter mais fatos e mais custeiras, teríamos de começar a pagar este trabalho. O nosso Carnaval é livre, sem pagamento de entradas, estamos dependentes daquilo que as pessoas voluntariamente nos queiram dar. Portanto, sem um aumento nas receitas não podemos ter um Carnaval maior.

**A “Velhinha” é grande não só em actividades como também em espaço físico. Neste momento necessita de ver as instalações acrescidas e com outras condições para as respectivas modalidades? O que está a ser feito e com que apoios contam?**

O edifício da “Velhinha” parece grande, mas na realidade precisamos de espaço, queríamos mais modalidades e não temos espaço para elas. As actividades de competição, ou seja o badminton, a patinagem artísti-

ca e a ginástica, desenvolvem-se no pavilhão, mas o ballet, as aeróbicas, os Pilates, os jumbas e outras fazem-se no mini-ginásio. Está o espaço todo ocupado e não podemos ter mais modalidades, aliás, já temos recusado algumas. Temos muitos espaços ocupados com material desportivo e com material do Carnaval. O grupo coral tem de ensaiar na sala da biblioteca.

Para uma pequena ampliação na zona das antigas bilheteiras, temos um projecto feito pela Câmara Municipal que necessita de uma alteração que ainda não foi feita por falta de verbas. Esperamos, até ao Verão, poder resolver este problema e fazer a dita ampliação, que não irá resolver totalmente o problema da falta de espaço mas é será uma boa ajuda. Em termos de apoios, ainda não os temos assegurados, vamos tentar junto de algumas empresas.

**Dinamiza um conjunto de actividades: ginástica, teatro, patinagem, grupo coral, etc., no entanto, há sempre uma que falta. Que nova modalidade gostaria de implantar na “Velhinha”?**

Eu face ao espaço que existe não estou a ver a possibilidade de avançar para mais modalidades. Há um projecto ainda de pé, mas que também está condicionado pela falta de espaço, é o chamado projecto da Biblioteca, que só com a ampliação que referi há pouco, é que teríamos esta sala disponível para esse projecto. É um projecto que inclui várias vertentes a desenvolver não só nesta sala mas também nos átrios, nomeadamente com biblioteca, ludoteca, espaço Internet e arquivo histórico da vila.

**Como pensa que a “Velhinha” poderá evoluir nos próximos dez anos?**

Bem, todas as colectividades têm de passar por um processo de renovação. Há 20 anos, as colectividades tinham determinadas finalidades e hoje são diferentes. Por vezes, há modalidades com muitos atletas que depois se reduzem, é preciso proceder à renovação das próprias modalidades. Eu estou na direcção há três anos e, neste período, há pelo menos meia dúzia de actividades que não existiam antes. A renovação é fundamental para haver desenvolvimento.

Lançamento do livro em Abril e Maio

## «Guerra Colonial, A Memória Maior que o Pensamento»



Armando Teixeira

Durante alguns meses de 2007, publicámos n' *O RIO*, episódios integrantes do livro: «Guerra Colonial, A Memória Maior que o Pensamento», com uma nota de edição a curto prazo.

Não é fácil fazer um livro de memórias sobre a guerra colonial, sobre qualquer guerra, enfim, sabendo-se que... "a guerra é um sítio donde nunca se

volta".

Remexer em lembranças dolorosas implica muita determinação e clarividência, mas é preciso andar depressa, para que elas não se esfumem nos recônditos da memória, que com o tempo se vai tornando mais curta.

Essencialmente porque a compreensão do contexto histórico, das "razões" e explicações oficiais do colonialismo português, dos ideais e motivações dos movimentos de libertação, dos acontecimentos e episódios mais marcantes de uma guerra

que, em treze anos, dilaceram corpos e sonhos de muitos milhares de portugueses e africanos, é fundamental para entender os tempos actuais em África e no Mundo.

### Programa de Lançamentos e Apresentações

18 de Abril – sábado – 15 horas

Lançamento do livro: «Guerra Colonial, A Memória Maior que o Pensamento», na Associação 25 de Abril, no Largo da Misericórdia, nº 95, em Lisboa.

Apresentação pelo almirante Martins Guerreiro, com cantos de guerra por Francisco Naia e poemas por Odete Santos.

26 de Abril – domingo – 13 horas  
Almoço de confraternização de ex-militares, familiares e amigos, comemorativo do 35º aniversário do 25 de Abril, no GDR "Os Leças", na Rua do Brasil, Barreiro, seguido da apresentação do livro. Intervenção central do coronel João Varela Gomes (prefaciador), cantos da revolução por Francisco Naia e poe-

mas-trechos por Manuel Alpalhão.



### Carta dos Leitores

#### Perigo eminente

Sr. Director,

Ao fim da Rua da Estremadura, no lado direito da rua, num lote de terreno pertencente a JMDuarte, Lda existem três pinheiros já muito inclinados, em perigo eminente de tombarem sobre um lote de terreno que me pertence e onde tenho uma casita-abarracada, que serve de apoio à horta que ali tenho. Em dias de muito vento, o perigo dos pinheiros caírem é, então, muito maior.

Se um ou mais pinheiros caírem, destroem o tecto da referida casita

e os haveres que lá estão dentro. Isto se não estiver lá ninguém nesse momento.

Além de que se trata de uma rua por onde passa muita gente, sujeita ao desabar dos pinheiros.

Nestas condições, o proprietário do lote de terreno onde estão os pinheiros a ameaçarem cair, deve mandar arrancá-los para acabar de vez com esta situação de perigo público. Ou então as autoridades que zelam pela segurança pública devem resolver esta situação perigosa de insegurança.

Damião da Luz Matos



### Associação de Reformados da Moita

#### Novo caminho

A Associação de Reformados, Idosos e Pensionistas da Moita tem novos corpos gerentes, eleitos em Outubro de 2008, na sequência do abandono da anterior Direcção. À frente dos destinos da casa encontra-se agora Francisco Paixão, na qualidade de presidente; Mário dos Santos Machado, vice-presidente; José Maria Silva, tesoureiro; Vítor Pereira Mendes, secretário, e Isildo, 2º secretário. A associação está agora no bom caminho, depois de ter passado uma fase que, segundo Francisco Paixão (natural de Reguengos de Monsaraz e reformado da Galp), a "estava a levar ao fundo" e por isso se candidatou, reunindo um conjunto de pessoas também descontentes com a situação.

Depois de entrar em funções a primeira decisão foi para a regularização das contas, a procura de apoios junto das

autarquias, a restauração da sede de modo a proporcionar aos sócios melhores condições na sala de convívio e voltar a animar a associação com bailes semanais, sessões de fados e excursões. Mário dos Santos Machado (natural de Grândola e reformado da CP), referiu-nos também que aos poucos a associação tem entrado naquela que seria a sua vida normal, salientando que desde Outubro de 2008, se terem inscri-

tos como associados várias dezenas de pessoas, reformadas e não-reformadas, em sinal de confiança no trabalho que está a ser desenvolvido. Confiante está, também, José Maria (natural de S. Brás de Alportel, reformado de motorista), pois as iniciativas desenvolvidas, tanto os fados como os bailes, estarem a registar uma boa adesão dos associados, além da contas estarem agora equilibradas.



CAFÉS

**SANTOS BICHO**



*O prazer expresso  
numa  
chávena de café*

Escritório e Torrefacção:

R. da Corça (Armazém nº6) - Alhos Vedros - Tel.: 212 044 834



Distribuição e Assistência BP Gás

Loja: Largo João de Deus, 1 - Baixa da Banheira  
Armazém: Zona Industrial Vila Rosa, Lote 39 Bairro Gouveia  
Alhos Vedros - Tel: 212 460 323

E-mail: gcoelho@gmail.com

Chamada Grátis  
800 203 146

Entregas Rápidas  
a Custo Zero

212 099 477  
212 027 293



**J. PIRES**

ASSIST.MAN.EQUIP.INDUSTRIAIS  
UNIPessoal, LDA

Executa todos os trabalhos de manutenção e reparação de equipamentos mecânicos. Constroi e repara estruturas metálicas diversas.

Rua Miguel Bombarda, 16, Bairro Novo  
Pinhal da Areia, 2860-601 Moita  
Tel./Fax: 212 895 870 Tlm.: 917 448 885

## Literatura

## A vida secreta de D. Sebastião



Sónia Louro  
Escritora e  
Bióloga

A ideia inicial de escrever um livro acerca do rei D. Sebastião, uma personagem polémica da História, cuja vida, mas sobretudo a morte, levanta várias questões, decorre disso mesmo: também eu me deixei envolver pela aura de mistério que o cerca. Convencida à partida de que ele teria morrido em Alcácer-Quibir, como nos ensinaram na escola, comecei por ler aquelas que são consideradas as suas melhores biografias: D. Sebastião 1554-1578, de Queiroz Velloso e D. Sebastião, Rei de Portugal, de António Villacorta Baños-García.

Ambas me chamaram a atenção para uma "misteriosa doença" de que o rei teria sido acometido logo aos 11 anos. Nesse momento, pelos sintomas descritos, suspeitei de uma doença sexualmente

transmitida, mas deixei a ideia de lado por achá-la extravagante. No entanto, ao longo da minha pesquisa, descobri um outro livro, Dois Estudos Polémicos de Harold B. Johnson, que me veio mostrar que as minhas suspeitas eram, pelo menos, partilhadas por mais uma pessoa. A partir daí, resolvi desenvolver esta temática, que muitos biógrafos do rei tinham simplesmente ignorado ou, talvez, propositalmente omitido seja o termo mais correcto.

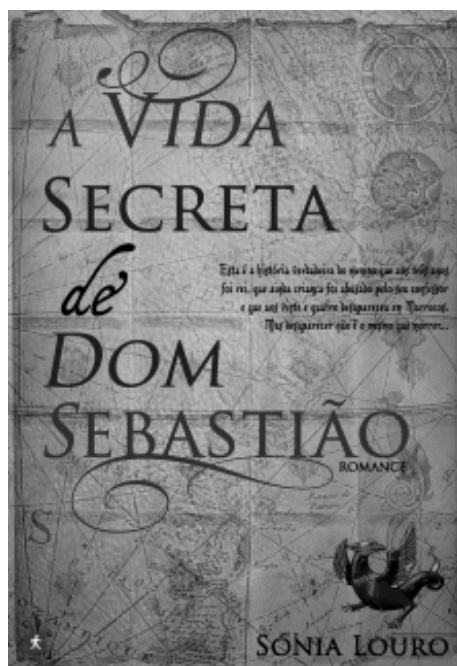
Por outro lado, notei que dependendo da época dos investigadores, estes mudavam radicalmente a sua opinião sobre D. Sebastião. Os historiadores mais próximos do tempo em que ele viveu, colocavam-no num pedestal e viam nele a encarnação da perfeição, mas acontecia o contrário se se tratasse de um autor mais recente. António Sérgio, por exemplo, in Ensaios, apelida D. Sebastião de "imbecil" e "inexcedível pedaço de

asno". Ora, é minha convicção que ninguém pode ser as duas coisas em simultâneo, um ser perfeito e um idiota. Tornou-se óbvio que cada facção omitia determinados acontecimentos conforme não encaixassem com a ideia que queriam passar do rei. Decidi-me por isso, a ler tudo quanto pudesse acerca de D. Sebastião e é nessa altura que percebo que os sebastianistas não estariam completamente errados por crerem que um dia o rei, primeiro Desejado e depois Encoberto, voltaria. Isto enquanto não fosse excedido o limite normal da existência humana e o sebastianismo passa da esperança de um povo a uma mística popular.

Existiam fortes indícios que mostravam que o rei poderia não ter morrido na batalha, tal como António Bêlard da Fonseca nos mostra no seu segundo volume de D. Sebastião Antes e depois de Alcácer-Quibir. Um dos mais intrigantes é o aparecimento

de três Breves Papais, datados de 1598, 1617 e 1630, todos afirmando que D. Sebastião se teria apresentado ao papa e que por vários exames levados a cabo sobre o requerente tinha ficado provado ser quem ele dizia ser: o rei de Portugal. A autenticidade destes documentos nunca foi provada, do mesmo modo que a falsidade também não. Apresenta-se ao lado a transcrição do 2º Breve. Mas este é apenas um indício, muitos outros são explorados ao longo do romance e levados ao conhecimento do leitor.

Foram estas as três ideias base para o nascimento de A Vida Secreta de D. Sebastião: mostrá-lo, mais próximo daquilo que ele teria sido, desenvolver, através de fontes contemporâneas do rei, a possibilidade de o jovem ter sido abusado sexualmente e demonstrar que existiam indícios fortes para o nascimento da esperança popular de que um dia o rei voltaria.



O livro está fundamentado por perto de meia centena de fontes. E, tentou-se, que nada fosse omitido, por isso, tudo o que era bom em D. Sebas-

tião está lá, assim como o mau, tornando-o, não no ser idealizado, nem no idiota chapado, mas naquilo que todos somos: um ser humano.

## Música

## O punk, também se REVOLTA!

Sandra Cardoso

Há muito tempo que o idealismo punk não estava tão presente. Não falo dos alfinetes de dama cravados na boca e nas orelhas mas na contestação do que se passa à nossa volta. Se bem que vestir de preto e usar t-shirts com frases algo polémicas foi, é e será sempre uma constante nas ruas e nos palcos como afirmação. Mas este movimento é bem mais que isso. São as convicções que esta nova geração do punk quer deitar cá para fora. É o

"estamos fartos do comodismo, da hipocrisia e da insegurança! O "estamos fartos de não ter emprego! O "queremos e merecemos mais!" Será que estamos condenados a ser a geração que vive pior do que a anterior?"

Local: Margem sul. Zona cheia de talentos musicais e de inúmeros problemas sociais. Aqui nasce a REVOLTA, banda que se prepara para lançar na semana do 25 de Abril um dos trabalhos mais prometedores do ano com o sugestivo nome "Ninguém manda em ti". Nem a propósito o nome e



data de lançamento do álbum. Tudo pensado ao milímetro, sem dúvida. É uma chamada de atenção para acordar toda a gente da dormência patente nestes últimos tempos. António Côte-Real, Anselmo Alves e Bruno Alves, formam o power trio do momento. Todos músicos acima dos 30 anos e cheios de maturidade musical. E humildade. Ex-

pressam em português o que muita gente pensa e sente na pele. Cada tema deste álbum é uma clara mensagem de força e positivismo, tão necessária nos dias que correm. É de mestre. São estas, as músicas que nos dão força para acreditar que tudo é possível. Os Revolta são o mais puro exemplo da força punk/rock. Como já alguém disse, são o melhor da herança punk dos anos 80. Querem fazer-se ouvir mas também fazer pensar e questionar o sistema. Procuram um lugar ao sol na música e a pouco e pouco estão a consegui-lo. Cada vez têm mais gente a acompanhá-los e no momento em que escrevo este artigo, encontram-se no primeiro lugar do top do myspace. Interessante ver o público deste género de concertos. Tanto assistimos a adolescentes quase a subir pelo tecto co-

mo gente com mais de 30 anos e mais comidos nos actos (ou não). Só vindo ao vivo se compreende esta energia. Aqui corre-se por amor à música e às ideologias que se defendem. É um cliché dizer que *the sky is the limit* mas para estes três punk rockers de mão cheia, nunca foi tão verdade. A sua mensagem chega cada vez mais longe e espera-se um

Verão bem quente a nível de espectáculos. Aliás, já começou. Espreitem só a agenda deles.

Têm a garra que é necessária no rock e as palavras nuas e cruas que se querem no momento. Chega de inércia, estamos cansados de tanta apatia! Queremos guitarras a rasgar e letras com que nos identificamos! Vamos à luta! Vamos à Revolta!



**Fidalgo's**  
Pastelaria • Salão de Chá • Snack-Bar  
Largo do Trabalhador Rural, 3 • 2860-415 MOITA  
Tel.: 212 897 730



## Ministra da Educação visitou a Escola Técnica Profissional da Moita

J. BA

A Ministra da Educação Maria de Lurdes Rodrigues visitou a Escola Técnica Profissional da Moita, no dia 15 de Abril, tendo inaugurado o Auditório Novas Oportunidades e procedido à entrega de certificados aos primeiros adultos certificados, através do processo de reconhecimento, validação e certificação, no Centro de Novas Oportunidades.

Maria de Lurdes Rodrigues manifestou satisfação por estar presente na cerimónia de entrega de diplomas aos 19 adultos que terminam uma fase importante do seu percurso de vida e vêem assim reconhecidas as competências que adquiriram na escola e ao longo da vida.

Observadora, a Ministra disse que, nestes Centros, é bom ver o trabalho que se faz, a alegria com que esse trabalho é feito, o profissionalismo, o rigor e a exigência, o esforço e a dedicação muito motivada com o trabalho que é feito com estes alunos. Deu também a conhecer que este Centro é um entre 500 que existem no país, "uma grande diversidade e ao mesmo tempo

uma riqueza, que mostra que o esforço de qualificação é uma responsabilidade de todos, instituições empregadoras, escolas públicas e privadas, escolas profissionais estão todas a fazer este esforço pelos adultos que têm uma vida de trabalho e pelo país", acentuou.

A terminar, Maria de Lurdes Rodrigues salientou ainda que "este Centro tem uma particularidade, e penso ser uma oportunidade, que é o facto de coexistir com uma Escola Profissional, o que lhe dá mais recursos para a qualificação, permitindo potenciar os

recursos humanos e técnicos, para fazer um trabalho de grande envolvimento e qualidade".

O Presidente da Câmara Municipal da Moita realçou o facto da Escola Técnica Profissional da Moita ser uma mais valia para o município da Moita. João Lobo aproveitou a presença da Ministra da Educação para lhe entregar um 'memorando' com notas das suas preocupações sobre a situação da educação no município da Moita, pedindo à Ministra que reflecta e pense sobre ele. O 'memorando', posteriormente distribuído à co-

municação social, refere algumas preocupações e dificuldades que se fazem sentir no município, nomeadamente, sobre:

- As obras de Requalificação da Escola Básica 2,3 D. João I – Baixa da Banheira;
- O Pavilhão da Escola Secundária da Baixa da Banheira;
- O Pavilhão Gimnodesportivo da Escola Básica 2,3 José Afonso – Alhos Vedros;
- A Educação Pré-Escolar – Auxiliares de Acção Educativa;
- Investimentos no Parque Escolar;
- A Unidade de Surdos de Alhos

Vedros;

• A Acção Social Escolar.  
Por sua vez, Alexandre Oliveira, presidente do Conselho Executivo da Escola Técnica Profissional da Moita, deu a conhecer que a actividade da Escola se iniciou no ano lectivo 2003 e 2004, com apenas três turmas e uma comunidade escolar de cem pessoas. Actualmente a Escola conta com dez turmas nos grupos profissionais e dezassete grupos de adultos em processo SBCC, uma comunidade que envolve hoje mais de setecentas pessoas.

Alexandre Oliveira explicou que o novo auditório foi baptizado por "Auditório de Novas Oportunidades", por acreditarem que a iniciativa "Novas Oportunidades" é um marco de grande significado na qualificação dos portugueses. "Por isso, queremos continuar a merecer a confiança e o apoio das entidades aqui presentes, agradecendo a presença da Sr.ª Ministra da Educação que tanto nos honra e constitui um estímulo para assim continuarmos", afirmou.





# Moita

Junta de freguesia

## Saudação do 25 de Abril

A Junta de Freguesia da Moita saúda o povo do Concelho e em particular a população da nossa freguesia, na passagem do 35º aniversário do 25 de Abril de 1974.

Estes 35 anos de Abril marcam uma história tão grande e profunda como os avanços e recuos na construção de um país livre, mais justo e desenvolvido. Neste período, Portugal mudou e a realidade de hoje não tem comparação com a do passado.

Na nossa terra, ainda hoje permanecem activas as comissões populares de moradores, de reformados e outras que nasceram com Abril. É um valioso património humano com que contamos para continuar a defender a nossa terra rumo ao futuro.

Em Abril continua a residir a nossa esperança num mundo mais justo e mais fraterno. Não obstante as provações do presente, importa que a mensagem de Abril chegue aos mais novos, para que eles sintam a liberdade e os outros valores de Abril como um direito a preservar, para que confiem e lutem pelos ideais de Abril.

Porque acreditamos num futuro melhor; apostando no trabalho por uma sociedade mais justa e uma vida com mais qualidade, no espírito de Abril, a Junta de Freguesia da Moita convida a População da Freguesia a participar nas iniciativas comemorativas do 25 de Abril programadas para a Freguesia e para o Concelho.

VIVA O 25 DE ABRIL! VIVA A LIBERDADE!  
VIVA A DEMOCRACIA!

*O Executivo*

